



**Está aberta a  
Bienal Internacional de Arquitetura**

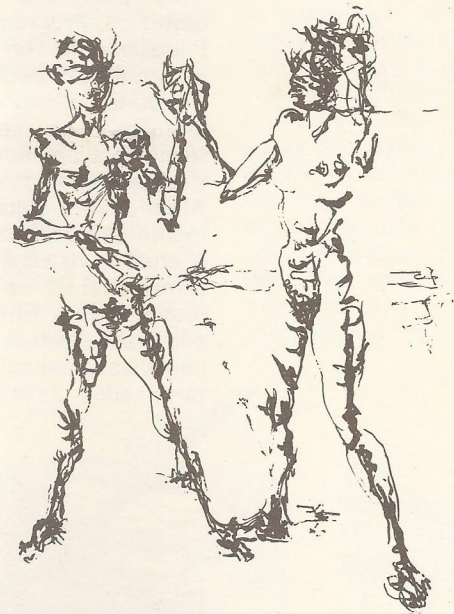
## Ao arquiteto Flávio de Carvalho, uma homenagem



Agência Estado

O jornal já estava fechado quando chegou a notícia. Flávio de Carvalho morreu. Nesta página vinha um artigo de Fábio Penteadó sobre a participação do arquiteto no desenvolvimento brasileiro. Ele cedeu seu lugar. Uma homenagem. Sobre ele, diz Paulo Mendes da Rocha:

“Flávio de Carvalho sempre foi para os arquitetos, apesar de seu peculiar individualismo, um exemplo estimulante de artista extremamente vivo e criador. Sua obra sempre teve um acentuado significado urbano. Homem da cidade, sempre desenhou com ela casas, palácios, esculturas. Seu vigoroso desenho retratou costumes e maus costumes, figuras e retratos, como um dos mais argutos cronistas do cotidiano da cidade de São Paulo”.



# ARQUITETO

Ano I número 8  
edição especial Bienal Arquitetura  
Tiragem: 15.000 exemplares

**ARQUITETO** propriedade do Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo e Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento de São Paulo.

Editado por **SCHEMA EDITORA LTDA.**  
Redação, Administração e Publicidade: Rua Frei Caneca, 322 - térreo, telefone: 256-8771, CEP 01307 — São Paulo. Distribuição gratuita, dirigida a arquitetos em todo o Brasil.

**SAESP**  
**Presidente:** Alfredo Paesani; **Vice-Presidente:** Geraldo Vespasiano Puntoni; **Secretário:** Helene Afanasieff; **Tesoureiros:** Roberto Loeb e Gregorio Zolko; **Diretor:** Edith Gonçalves

de Oliveira. **Suplentes:** Israel Sankovsky, Sérgio Sune Pileggi, José Luís Fleuri de Oliveira, João Clodomiro de Abreu, Léo Bonfim Jr., Luiz Ernesto Gadella.

### IAB/SP

**Presidente:** Paulo A. Mendes da Rocha; **Vice-Presidentes:** Francisco Petracco, Hélio Pasta, Abraão Velvu Sanovicz; **Secretário-Geral:** Edgar Gonçalves Dente; **Secretários:** João de Deus Cardoso, Lúcio Gomes Machado; **Tesoureiros:** Sami Bussab, Eduardo de Castro Mello; **Diretores:** Massachi Ruy Ohtake, Kalil Dabdab Neto, Guilherme Ribeiro de Almeida, Haron Cohen, Bona de Villa, César Bergs-

tron Lourenço; **Conselho Fiscal:** Plínio Croce, Ludovico Antonio Martino, João Eduardo de Gennaro; **Representantes no Conselho Superior:** Oswaldo Corrêa Gonçalves, Maria Giselda Cardoso Visconti, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Jon Andoni Vergarache Maitrejean, Marlene Yurgel.

### ARQUITETO

**Diretor responsável:** Fábio Penteadó; **Editor:** Vicente Wissenbach; **Publicidade:** Romeu Onaga (diretor), Luiz Carlos Onaga, José Xavier de Lima, Fábio Onaga (assistente); **Coordenadores:** Sérgio Teperman, Ana Maria Dente, Helene Afanasieff; **Comissão Imprensa**

**IAB:** Abraão Sanovicz (coordenador); **Editor gráfico:** Vivaldo Tsukumo; **Redação:** Gilney Rampazzo, José Roberto Campos, Célia de Azevedo, Luiz Carlos Cardoso, José Batista de Carvalho e Julio Hungria (Rio); **Editor assistente:** Teru Tamaki; **Colaboradores:** Arquitetos Álvaro Caldeira, Bona de Villa, César Bergström Lourenço, Maria Helena Flynn, Maria Cecília Scharlack, Ubyrajara Gilioli, Maria Elisa Canedo (Rio); **Fotografia:** Fotógrafos Associados; **Ilustrações:** Francisco Caruso; **Produção:** Schema Editora Ltda; **Composição:** Linotipadora Godoy Ltda.; **Fotolito:** Fotomecânica Brasileira e Jaraguá; **Impressão:** Companhia Lithográfica Ypiranga.

# O arquiteto na Empresa

## O trabalho do arquiteto nas empresas de projeto

Jon Andoni Vergareche Maitrejan, da Serete, João R. Stroiter, da Hidroservice, Marcelo Fragelli, da Promon, Vasco de Mello, Walter Maffei e Chu Ming Silveira, da Montreal, falam do trabalho dos arquitetos nas grandes empresas de projetos. Um trabalho que frustra, que limita a criatividade, que aliena. Isso tudo é verdade ou preconceito? A função do arquiteto na empresa está mudando? As respostas foram dadas aos repórteres Célia de Azevedo e José Roberto Campos e mostram diversos ângulos do problema, abrindo perspectivas para um debate que vai desde a formação profissional até a criação de grandes empresas de arquitetura dirigidas por arquitetos. Com esta matéria, abrimos uma série de reportagens sobre os campos de atuação do arquiteto.

Desde 1969, a Hidroservice — Engenharia de Projetos Ltda., tornou-se extremamente favorável à arquitetura. Uma nova mentalidade, em que “o arquiteto não é mais visto como o sujeito que escolhe a cor da fachada”, propiciou o reconhecimento de que sua capacidade de coordenação e observação dos problemas como um todo merece lugar de destaque em empresas como esta. Com o desenvolvimento da Hidroservice, grande número de arquitetos foi admitido, totalizando cerca de 50 profissionais, alguns estagiários e eventuais consultores. Na opinião de João R. Stroiter, chefe da Unidade de Arquitetura, esta é a empresa que emprega maior quantidade de arquitetos no país, embora admita não serem ainda em número suficiente. Distribuídos em três setores — Arquitetura, Programação e Controle e Planejamento Territorial e Urbano —, os arquitetos dedicam-se não apenas a projetos, como ao paisagismo, programação ou comunicação visual, tecnologia ambiental, desenho industrial e preparação de concorrências. Além destes alguns cuidam pessoalmente da fiscalização de obras, como a atual construção do Aeroporto Internacional do Galeão, com execução prevista para fins de março do ano que vem. Outros encarregam-se de pesquisas, especializando-se em determinados assuntos como ilumina-

ção, acústica, manutenção de obras e flexibilidade ambiental.

Biblioteca, arquivo, secretaria e microfilmagem ficam a cargo de um arquiteto especialmente destacado para sua coordenação.

Segundo J. R. Stroiter, a própria infra-estrutura de empresa permite ao arquiteto adquirir uma vivência incomparável à de um profissional isolado. Delineados em três etapas — viabilidade técnico-econômica, projeto básico (preparo de concorrências de obras civis) e projeto executivo —, os trabalhos reúnem toda sorte de profissionais, atuantes em equipes de engenheiros, arquitetos, engenheiros mecânicos, economistas, administradores, advogados, geólogos, engenheiros eletricitas.

A empresa torna-se deste modo “uma grande escola”, pois o arquiteto, ligado a uma equipe, não pode limitar-se a uma área específica. Para uma atuação condizente com uma obra de grandes dimensões, é necessário que ele trave conhecimento com problemas complexos de engenharia e outras profissões.

Em alguns setores, a arquitetura agirá como simples complementação da engenharia, mas em outros, como é o caso da construção dos aeroportos do Galeão e Manaus, ocupará posição de destaque.

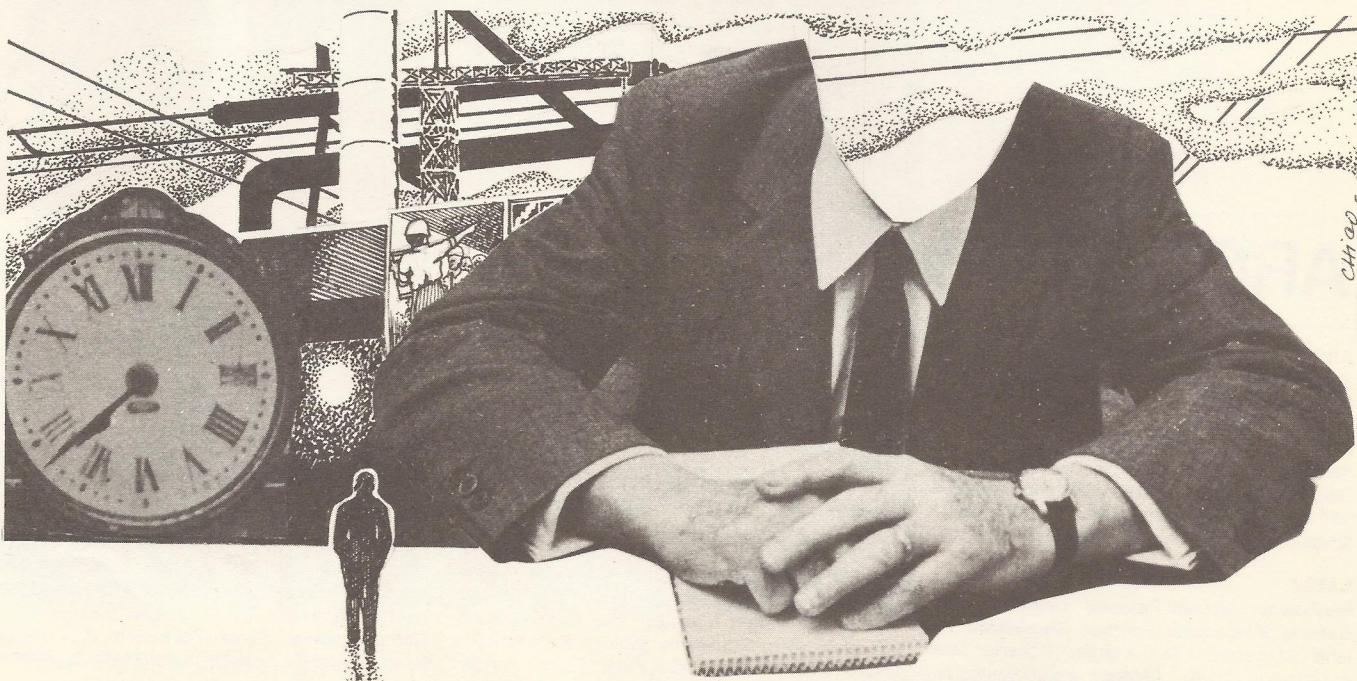
No setor de Planejamento Territorial e Urbano, a arquitetura atua num

grupo composto das unidades de sociologia, economia, transportes, agricultura e organização de métodos (administradores). Como unidade auxiliar há a foto-interpretção, constituída de geógrafos e técnicos especializados em fotografias aéreas.

A arquiteta Marli Namur, deste setor, conta que o ritmo de trabalho é intenso. Os prazos curtos e irrevogáveis. Entretanto, sua voz trai um certo entusiasmo enquanto fala dos trabalhos de que já participou nestes seus três anos de empresa.

Atualmente, sua equipe desempenha, em níveis metropolitanos, o plano de ocupação da área de contorno da baía de Guanabara (execução prevista para outubro de 73), e o plano diretor de abastecimento de água da Grande Salvador. Em nível sub-regional há o plano de desenvolvimento do Vale do Rio Tocantins no Amazonas.

Em Sobradinho (entre Petrolina e Juazeiro), devido à construção de uma barragem, estuda-se a relocação de cidades cuja área será inundada. Os arquitetos da Hidroservice estarão também participando da construção da sede do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem em Brasília, do Instituto Superior de Tecnologia Médica do Hospital das Clínicas (será anexo ao edifício principal) e de centrais de abastecimento como a de Fortaleza.



## O trabalho do arquiteto nas empresas de projeto

A empresa não "entende" o arquiteto. O arquiteto não "compreende" o que a empresa quer. Às vezes, nem uma nem outra coisa. Num verdadeiro mural de lamentações — cômico até, se não fosse frustrante — qual seria a função do arquiteto na empresa?

Para Marcelo Fragelli, arquiteto-chefe da Promon Engenharia S.A., uma das três maiores empresas de projetos, ele atende muito bem às exigências da firma. Um matrimônio perfeito, pelo menos onde trabalha.

Marcelo Fragelli coloca como função do arquiteto a elaboração de projetos específicos que necessitam deste tipo de profissional — embora às vezes isso não aconteça no mercado de trabalho — ou em projetos que o envolvam, sem ser "comandado" por ele. No último caso estariam obras como usinas atômicas, hidrelétricas, refinarias.

Com uma idéia bem definida desse papel, ao contrário de outras que tentam demonstrar que o arquiteto ainda não encontrou seu lugar, ou melhor, não lhe deram esse lugar, os 13 profissionais da Promon teriam uma liberdade total, dependente apenas do tipo de obra a executar.

Assim, na divisão feita por Fragelli, a elaboração dos projetos chefiados por arquitetos não sofre qualquer tipo de restrição da empresa. E pouca objeção do cliente.

"Em termos de forma, por exemplo, não existe qualquer tipo de impedimento. A não ser quando ela é muito inovadora e não é aceita pelo cliente. Mesmo assim, quando o projeto já vem com condições impostas, geralmente errôneas, o departamento de arquitetura, através da direção, tenta dissuadir o cliente. Achamos pouco profissional 'fazer obras muito 'encomendadas'. Nossos trabalhos devem refletir as técnicas modernas". As experiências de vanguarda não têm tanta importância como o resultado prático: "A arquitetura de vanguarda, aquela em que entra o risco,

não está na faixa da Promon. Certo tipo de tentativas, válidas no caso do arquiteto isolado, podem errar muitas vezes, e não agradar o cliente, que quase sempre procura conciliar o aspecto formal com o econômico, técnico e a segurança".

Para obras mais específicas, como hidrelétricas e usinas, o arquiteto fica "restrito às imposições técnicas do projeto e sua liberdade é bastante reduzida. O mesmo acontece com qualquer arquiteto, até com o de escritório".

Uma das "vitórias" que, segundo Marcelo Fragelli, atestam o zelo da empresa pela satisfação profissional é a autoria do projeto. Antigamente, ela só levava a assinatura da equipe. "Hoje já existe uma equidade de chances para os arquitetos e acho mesmo que eles têm que ter alguma coisa de seu. Um projeto de qualidade deve ter uma autoria. Em alguns lugares, entretanto, os profissionais não podem possuir nem a cópia do projeto."

### Na empresa, as melhores chances

Para o arquiteto-chefe da Promon, as melhores oportunidades de trabalho estão nas empresas, com remuneração superior aos de escritórios pequenos ou próprios. Ele estabelece também uma espécie de faixas de atuação: as empresas ficariam com os projetos maiores (metrô, por exemplo) e as pequenas residências e clubes seriam mais adequados ao arquiteto particular. Uma divisão que está na própria natureza do trabalho: "A integração das técnicas não é necessária para que uma obra de arquitetura seja boa, mas é um grande passo para que ela seja correta. As empresas apresentam a vantagem do funcionamento integrado dos vários departamentos e se responsabilizam integralmente pela obra toda". Ao mesmo tempo, facilitaria a contratação do serviço, concentrando-o todo em uma empresa, ao invés de várias.

Em termos gerais, a arquitetura não vai bem no Brasil. Motivo:

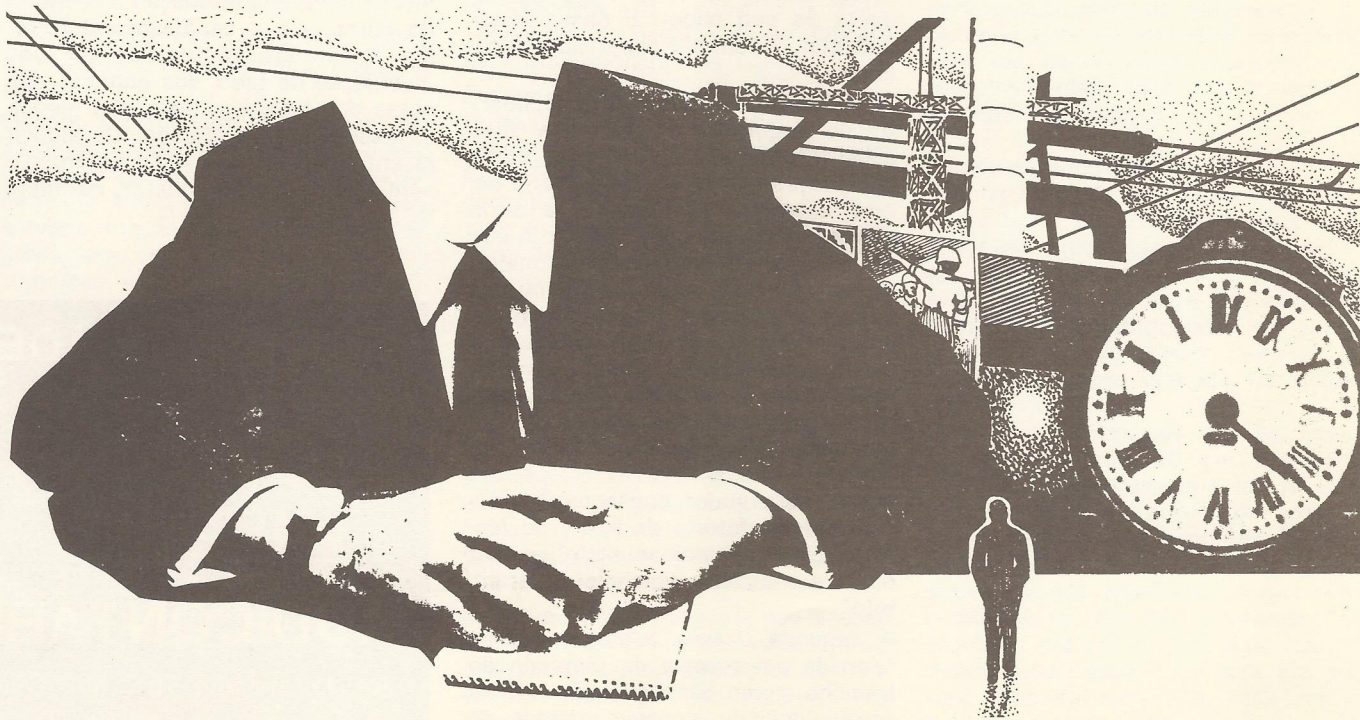
"No momento, muito pouco é gasto, no país, em arquitetura, por causa da falta de desenvolvimento e de cultura. O comum é que não se dê importância ao arquiteto. A redução de gasto de muitas empresas é feita onde seria ideal a contratação do serviço desse profissional. Por isso é muito fácil ver em grande parte das obras um mau acabamento, projetos mal feitos, ordinários até. Mas com o crescente impulso que o Brasil está tendo, a situação tende a melhorar".

A Promon tem dois estagiários. Fragelli acha que as escolas não dão a formação prática para o futuro profissional, e substituem esta prática por muita teoria. "O estudante precisa completar seus conhecimentos em escritórios ou empresas que pratiquem arquitetura de qualidade." Formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, ele atribui sua formação mais ao escritório em que trabalhou do que à própria escola.

Sua experiência como professor e aluno leva-o a uma forma simples de explicar o antigo choque entre teoria e prática na educação brasileira: inércia. "Uma das minhas intenções, quando professor do Mackenzie era inovar o curso. Alguns professores se empenharam num esforço sério. Mais tarde, todos eles foram afastados da escola."

A experiência no exterior não é necessária. Talvez "aconselhável".

Dentro desse quadro promissor de "crescente desenvolvimento", Marcelo Fragelli diz que nossas firmas ainda não sofrem a concorrência de empresas estrangeiras do ramo. "No caso de projetos bem específicos, como o de uma usina atômica, é que nós precisamos de know-how importado. No resto, nossa capacidade é bem boa e a arquitetura brasileira tem renome internacional."



## O trabalho do arquiteto nas empresas de projeto

A criação sempre teve um papel importante, em qualquer profissão. Principalmente naquelas em que, entre os vários fatores inter-relacionados, está a estética, a procura de formas que combinem, ao mesmo tempo, a técnica cada vez mais aperfeiçoada e seu uso, atendendo a padrões contemporâneos. Na arquitetura esse fator — a criação — tem uma função essencial e, segundo alguns, esquecida. Nas empresas — um campo de trabalho que parece abrir-se para os arquitetos — a criação poderá se adequar a um ritmo de produção exigente e cansativo, e aí deixará de ser, praticamente, criação, ou ganhar liberdade total e se tornar irreconciliável com as exigências empresariais. Um problema sem solução? Três arquitetos, Vasco de Mello, Walter Maffei e Chu Ming Silveira, da empresa de projetos Montreal, discutem a participação do arquiteto na empresa. O texto é um resumo das opiniões.

### Um papel incompreendido

A função do profissional deve ser bem mais ampla que as desempenhadas tradicionalmente dentro da empresa, ou seja, a coordenação de projetos, administração ou chefia do departamento de arquitetura.

"Uma experiência nova poderia contribuir muito com propostas para um melhor desenvolvimento do trabalho da empresa, não só como, e enquanto arquitetura. O arquiteto, por exemplo, participaria da promoção da empresa, da comunicação visual e muitas nova formas de atuação". Outras sugestões: a participação em empresas que não cuidam especificamente de projetos — as de construção, só para citar uma delas — assessorando a parte técnica, a implantação e a direção da empresa na definição de sua política.

No entanto, eles reconhecem que a "investida" do arquiteto num campo relativamente novo de trabalho não levou, ainda, a uma compreensão exata de seu papel. E duas conseqüências podem ser observadas facilmente.

A primeira delas seria o impedimento do arquiteto naquilo que eles acham constituir sua missão principal: projetar criando. Ele entraria em uma estrutura já montada e seria apenas mais uma peça, quando o que se trata é de uma abertura maior, talvez até uma modificação no esquema empresarial, para a adaptação do profissional. O que acontece é que as empresas, visando sempre uma produção eficiente, jogam o arquiteto na produtividade de tempo exíguo e alienante — "tolhem seu trabalho, que é criativo (dispor de tempo para poder conseguir um resultado satisfatório da fusão de técnica, forma e funcionalidade), o fato da livre criação, o essencial no arquiteto".

A segunda levaria a uma mudança ocorrida em termos de mercado de trabalho, como conseqüência de uma continuidade no desenvolvimento do

projeto. Essa continuidade, ocorrida na década de 70, seria no sentido de modificar o sistema de contratação de projetos, forçando um esquema de empresa ao "arquiteto-artesão" do atelier, da década de 60. O projeto agora é entregue globalmente a uma única equipe na qual participam arquitetos, economistas, engenheiros nas diversas especialidades, que o desenvolvem desde a etapa inicial de viabilidade até o acompanhamento técnico na implantação da obra. Pelo sistema anterior, o projeto era contratado parcialmente, ficando cada etapa a cargo de um escritório isolado, prejudicando, muitas vezes, a solução proposta pelo arquiteto, por falta de entrosamento e divisão das responsabilidades.

Esta modificação acarretou o fechamento de grande parte dos escritórios isolados de arquitetura. O que não significa que o serviço dos pequenos escritórios tenha acabado ou vá acabar. Mas que sofreram profundas mudanças.

O arquiteto também sofreu bastante as modificações. Ele sente uma certa dificuldade em se adaptar ao sistema empresarial, em se entregar a uma produtividade a ritmo de relógio, a imposições que antes — em maior escala — eram só dele.

"Compreender o papel do arquiteto." Os dois serão beneficiados: o profissional e a empresa.

### A Universidade e a preparação

"Se no campo profissional, os arquitetos lutam para serem compreendidos, da Universidade eles esperam um tipo de formação mais aberta. Ela não deve, simplesmente, coincidir com a política empresarial, mas formar um profissional com capacidade de discernimento, e culturalmente preparado para quando propor uma solução para o projeto, o faça de maneira que contenha um avanço e uma contribuição em termos sociais".

Como sempre, há problemas: "A começar pela desinformação a respeito do curso que o candidato vai fazer. Em arquitetura costuma-se ter boa divulgação de tudo, dos estudos, das obras dos bons profissionais, menos da essência da profissão. Os alunos já entram com uma visão deturpada, sem saberem o que querer, realmente".

Outra falha apontada, constante também de relatórios de encontros nacionais ou regionais dos estudantes de arquitetura, está na falta de uma metodologia de ensino adequada a nossa realidade. Sem esquecer de acrescentar que a própria estrutura da faculdade vem a impedir um maior desenvolvimento. Sua dependência econômica — ela é, na maioria das vezes, de instituições particulares de poucos recursos — impossibilita a ampliação de novos cursos ou mesmo de cursos complementares, quase tão necessários quanto o básico. Essa complementação procuraria a ligação entre a arquitetura, espaço, tecnologia e ciências humanas, como no projeto original da Universidade de Brasília.

O quadro de professores também é deficiente. A maioria deles são formados de "profissionais de prancheta", sem nenhum preparo didático anterior. "Isso obrigou-os a uma auto-formação, no dia-a-dia da faculdade, que contém muito de empirismo. Somente as universidades federais e estaduais têm hoje condições, e já estão formando, arquitetos-professores, através de cursos de pós-graduação e trabalho universitário de pesquisa no campo da arquitetura. É o caso das universidades de São Paulo e Brasília."

"Essa situação faz com que os cursos de arquitetura, principalmente nas faculdades isoladas, sejam, em grande parte, desenvolvidos na base da experimentação, onde o arquiteto leva para as salas de aula sua experiência profissional, simplesmente, encontrando grande dificuldade na transmissão do conhecimento e o ensino de projeto."

As faculdades de arquitetura tiveram, mesmo assim, um desenvolvimento diferente das de engenharia. Enquanto as últimas têm uma vinculação muito maior com a indústria, e começam a formar pessoal para atuar diretamente nelas, dirigindo até mesmo seu currículo para esse fim, as faculdades de arquitetura procuram dar uma formação mais ampla, não ligada somente à atuação profissional, mas procurando uma visão crítica. Por isso é que há uma espécie de "rejeição" do recém-formado na empresa, um mercado de trabalho de "potencialidade boa, a médio e longo prazo".

## CONTABILIDADE ESPECIALIZADA

Legalização, escrita atrasada, balanços, registros de arquitetos autônomos, INPS, ISS, Imposto de renda, aposentadoria junto ao INPS, incentivos fiscais

A ÚNICA ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL ESPECIALIZADA

## AUDICONTÁBIL

Av. Liberdade, 701 1.º Cj. 15 Fones: 278 7819 278 3653

## O trabalho do arquiteto nas empresas de projeto



Fotógrafos Associados

"Com ou sem arquitetos, essas obras aconteceriam." Ion Andoni Vergareche Maitrejean, arquiteto da Sereti, nega o caráter pessimista que alguns poderiam sentir em suas palavras. "Não estou a afirmar que a arquitetura não tem seu lugar na empresa pois não sou nenhum negativista."

"Digo apenas que o arquiteto ainda não soube conquistar seu lugar na empresa."

Quando diz empresa, Maitrejean não se refere especificamente à Sereti, mas às grandes firmas em geral. Para ele ainda não há por que falar sobre a função do arquiteto na empresa, uma vez que grande parte dos trabalhos a serem executados dirige-se à engenharia. "Suas funções ainda são escassas, quando se trata de saneamento, estações de tratamento de água, hidrelétricas, sistemas de irrigação."

Na Sereti a arquitetura atua em quatro divisões: Divisão de Arquitetura e Engenharia com seis arquitetos, Divisão Industrial com quatro, Divisão de Hidráulica e Saneamento com dois e Divisão de Economia e Planejamento com um número maior entre estagiários, consultores e fixos.

A primeira delas, sob chefia de Maitrejean, desenvolve um trabalho fundamentalmente arquitetônico, onde o

arquiteto não ocupa mera função complementar. "Aqui tudo é feito como em qualquer escritório de arquitetura, o arquiteto dirigindo obras como o Estádio de Futebol em Goiânia ou as centrais de abastecimento de Belém e Brasília." Na sua divisão, Maitrejean acredita haver uma real oportunidade de profissionalização, "coisa que as escolas de arquitetura não proporcionam aos alunos".

Em seus quinze anos de magistratura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Maitrejean encontrou uma tendência muito reduzida em se especializar o aluno, falhando em orientá-lo para determinadas áreas profissionais.

Ao contrário, o ensino dirige-se a uma suposta "classe especial" de indivíduos aos quais ele se refere como "gênios". Acontece que nem todos são superdotados para atender à ênfase que se costuma dar à criatividade e à individualidade. Esta seria a função primordial a que se condicionam os alunos — ser criativo, individual, para no futuro chefiar pequenos escritórios particulares.

Esta tendência observada não apenas na FAU como em outras escolas, leva o arquiteto a um sentimento de frustração quando do seu ingresso em uma grande empresa. Ali, em lugar

de uma atuação individual, ele encontrará um trabalho de equipe para o qual não estará preparado.

O círculo é vicioso. Se o arquiteto já entra frustrado, não acreditará na empresa, não podendo portanto conquistar um lugar dentro dela. Por outro lado, se "o arquiteto não for participante ativo na empresa — o caminho para se interferir na paisagem, não estará cumprindo com sua responsabilidade para com os aspectos rurais e urbanos".

### Empresas de arquitetos

"Minha apologia é a da empresa dirigida pelos próprios arquitetos que deveriam preocupar-se com a criação de estruturas que lhes permitissem uma atuação mais que circunstancial". Entretanto, isto só seria possível quando fosse atingida a profissionalização que ele faz questão de frisar.

Suas perspectivas não são das mais favoráveis diante de um mercado imobiliário que começa a se sofisticar e a "comprar arquitetos porque sabem fazer coisas bonitinhas", vendendo produtos unicamente pelo status que sua aparência confere aos compradores. Se isto continuar "o arquiteto entrará num estágio sumamente desagradável em que ele se verá marginalizado das suas reais funções sociais."

## A abertura de novos campos de trabalho

Tem sido impressionante o esforço governamental visando promover a instituição educacional brasileira, principalmente em termos de ampliar as oportunidades de formação universitária. Caminha-se pois para uma situação mais equilibrada entre oferta de vagas e candidatos ao ensino superior no país, deixando de ser o privilégio de uma minoria o acesso aos cursos universitários existentes. Evidentemente, esse processo de transição gera algumas crises; não somente em termos da qualidade do ensino, mas também em termos de uma inicial incapacidade de um mercado de trabalho, organizado em bases inadequadas, em absorver um contingente maior de profissionais que cada ano abandona nossas universidades.

No caso do arquiteto, muito se tem divagado sobre a necessidade de se restringir o número de escolas de arquitetura no país. Se o pretexto fosse a má qualidade do ensino, isso nos sensibilizaria uma vez que realmente esse tem sido um dos pontos falhos na criação de novas unidades de ensino. Entretanto vemos que muitos se batem pela questão alegando uma possível incapacidade do mercado de trabalho em absorver o recém-formado. Ora, essa tese nos parece elitista pois seria aceitar a idéia de que o arquiteto é um profissional formado para atender apenas a uma restrita faixa de população, rica e de gosto exuberante. Evidentemente, em todo o mundo contemporâneo, o arquiteto tem se afirmado como um profissional indispensável à organização do espaço, quer seja em termos de projetar e acompanhar a construção de uma casa ou edifício, quer seja na organização de cidades e regiões onde o espaço é um elemento fundamental ao desenvolvimento sócio-econômico e cultural.

Se olharmos hoje para uma das mais importantes capitais brasileiras, Curitiba, vamos encontrar um arquiteto como prefeito, realizando obras que têm deixado o país perplexo ante a capacidade de uma administração municipal reorganizar uma cidade inteira de forma a torná-la mais adequada à vida do homem em sociedade. Ora, dirão muitos, isso é apenas um caso isolado. Eu diria que não, e citaria centenas de exemplos de arquitetos atuando em administrações municipais com total êxito em suas missões, em áreas metropolitanas ou nos mais longínquos pontos do território nacional. Os incrédulos que procurem em Altamira ou Imperatriz, ao longo da Transamazônica, o que os arquitetos são capazes de realizar.

Apesar de nossa euforia em termos de uma crescente absorção dos arquitetos no mercado de trabalho existente, somos forçados a admitir que mais de 90% das prefeituras brasileiras não contam com um arquiteto para suas Assessorias de Planejamento ou Secretarias de Obras. E aí reside o mercado de trabalho, capaz de absorver nossos jovens colegas



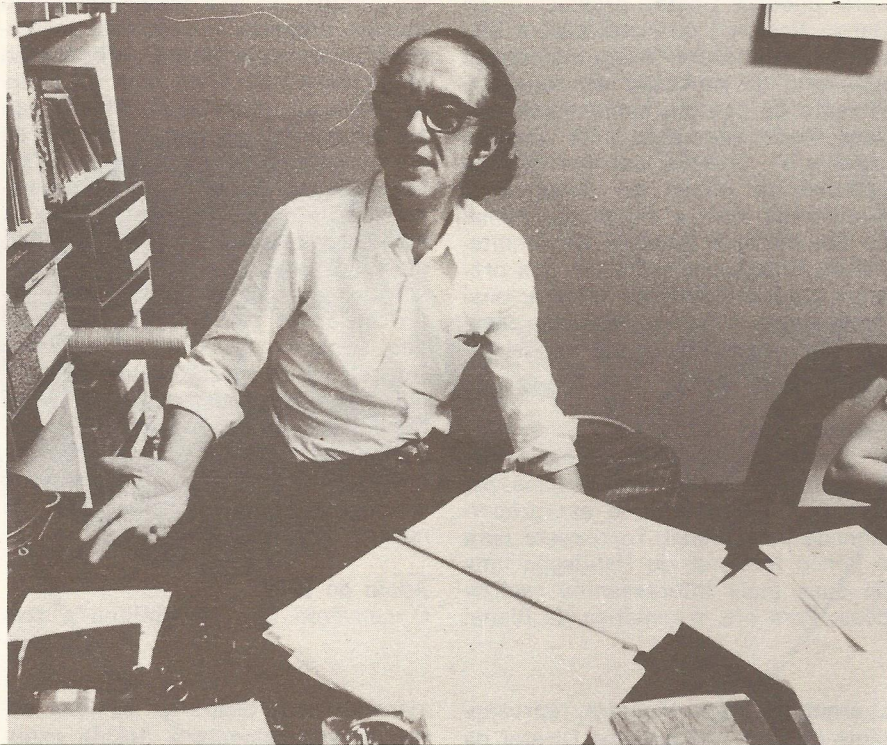
egressos da universidade. Para tanto deve o governo federal apoiar as administrações municipais, dando-lhes condições financeiras que permitam a contratação de profissionais que efetivamente irão contribuir e acelerar o desenvolvimento dessas comunidades.

Igualmente reconhecemos que, a nível metropolitano, tem sido reduzido o aproveitamento dos jovens arquitetos nas áreas de trabalho para as quais são formados. Acreditamos também que, em cidades como o Rio de Janeiro, mais de 90% das obras são construídas sem a participação de um arquiteto. Isto ainda se deve a uma falta de visão de alguns empresários menos esclarecidos e sedentos de lucros com obras onde qualidade não é fator considerado. Evidentemente o empresário de grande visão já percebeu que com o emprego do arquiteto sua obra terá maior aceitação pelo comprador e, conseqüentemente, maior valor comercial. A prova está no fato de que as grandes imobiliárias fazem questão de propalar e anunciar seu arquiteto, como uma forma de assegurar a qualidade de seus empreendimentos. Como órgão oficial dos arquitetos da Guanabara, vem o Sindicato dos Arquitetos, juntamente com o Instituto de Arquitetos do Brasil, realizando um esforço substancial visando

apoiar a ação dos profissionais na Guanabara. A nível do Sindicato acreditamos que um apoio jurídico permanente para a classe lhe oferece condições mais tranquilas no exercício profissional.

Para o recém-formado, mais especificamente, acreditamos que a Agência de Colocação que estamos montando poderá dar um apoio expressivo em termos de busca de contato entre o mercado de trabalho e o profissional disponível. Para tanto já foi iniciada uma campanha promocional junto às principais prefeituras do país, colocando à disposição das mesmas nossos arquitetos ainda não incorporados ao mercado de trabalho. A interiorização do técnico, entretanto, só se processará mais intensamente no dia em que uma política específica for formulada pelo governo federal para tal finalidade. Não acreditamos que o desenvolvimento se possa efetuar sem recursos humanos adequados e capacitados para a missão de preparar um Brasil de amanhã, cada vez mais planejado e organizado. E os arquitetos são, e serão sempre, uma parcela substancial de técnicos capazes de enfrentar os problemas urbanos e regionais, contribuindo para suas soluções e descobrindo novas maneiras de racionalizar o uso do espaço em nossa sociedade.

## Dois presidentes falam da Bienal, com entusiasmo



Oswaldo Corrêa Gonçalves, coordenador da mostra de Arquitetura na Bienal de Artes Plásticas durante quase 20 anos, vê realizar-se um velho sonho: a Bienal de Arquitetura.



Nos dias que antecederam a mostra, cada detalhe do projeto foi discutido, com os expositores.

Até 1971, todos os trabalhos que os arquitetos brasileiros conseguiram expor ficaram confinados numa quarta parte de toda a área destinada à Bienal de Artes Plásticas. A partir deste ano — de 8 de junho a 7 de julho —, em São Paulo, não só os brasileiros, mas todos os grandes nomes da arquitetura mundial, poderão usar, com exclusividade, pela primeira vez, todo o espaço de uma exposição: a I Bienal Internacional de Arquitetura.

Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, prevê: "A Bienal de Arquitetura será um sucesso, tanto no Brasil quanto no exterior. O interesse que ela vem despertando em todo o mundo ultrapassou todas as expectativas. Está começando uma verdadeira competição entre a escola nacional, já projetada fora daqui, e as escolas internacionais".

Os argumentos usados para confir-

mar essas boas perspectivas podem ir desde o número (elevado) de inscrições recebidas, até nomes famosos que já garantiram suas participações: Pier Luigi Nervi, Edoardo Ceretto, Grazia Duprà, Vittorio Gallo e Andrea Mascardi (Itália); Rafael Leoz (Espanha); Jorge Rueda Gutierrez (Colômbia); Alvar Aalto (Finlândia); Atelier d'Urbanisme et Architecture (França); Oscar Niemeyer, Villanova Artigas e Burle Marx (Brasil).

A Bienal de Arquitetura de São Paulo resultou de um acordo estabelecido pelo Ministério do Interior, entre o Banco Nacional da Habitação, a Fundação Bienal de São Paulo e o Instituto dos Arquitetos do Brasil, e é dirigida por um conselho formado por um representante de cada uma dessas três instituições.

Órgãos estaduais e regionais, os governos Federal e Estadual e a Prefeitura de São Paulo vão mostrar seus

projetos e programas de obras. Projetos como os da Transamazônica e dos metrô de São Paulo e do Rio vão aparecer ao lado dos melhores trabalhos das escolas internacionais de arquitetura. Vários governos estrangeiros, além de organizações culturais de todo o mundo (UNESCO, UIA, OMS), também prometeram participar.

O tema central da I Bienal de Arquitetura Internacional será "O Ambiente que o Homem Organiza".

O arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente do Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura, vê como objetivo dessa mostra "revelar ao mundo, num determinado instante, um balanço panorâmico das realizações para o ambiente do homem, levadas a efeito por arquitetos e por equipes de projeto onde participam arquitetos, além dos demais profissionais e entidades que atuam com esse objetivo".

Os problemas encontrados para a realização da Bienal, segundo Oswaldo Correa, aconteceram "por tratar-se do primeiro certame dessa natureza. Por isso, aqueles que devem participar ainda não têm uma compreensão imediata do assunto, ficando demorada a sensibilização para a sua participação. E nesse sentido, os problemas variam, indo desde o material humano, até a forma de apresentar os trabalhos".

A importância desta Bienal para os arquitetos vai ser conhecida durante o seu desenvolvimento, diz Oswaldo. "Mas já é possível prever que ela terá um alto significado, porque não será apenas uma exibição de projetos, mas também uma importante troca de informações e experiências entre as pessoas que participarem, de uma forma ou de outra." Ele lembra, também, os seminários e simpósios que estão marcados, que servirão, inclusive, como elemento de avaliação do significado da Bienal para os arquitetos.

Com relação às adesões do exterior, Oswaldo não está dando importância ao número de países participantes — 22 no total — "mas à quantidade e à qualidade dos projetos apresentados. E o que nos interessa, também, são os profissionais que participam da Bienal, independente do país em que trabalham".

Para o arquiteto brasileiro, o presidente da Bienal diz que a importância está no fato "dessa mostra, se realizando no Brasil, criar maiores facilidades para que eles tenham em sua casa esse cenário mundial das realizações e a discussão e o balanço crítico, que certamente ocorrerão. Isso ensinará a nós, arquitetos brasileiros, uma oportunidade a mais para enriquecer o conhecimento das coisas que se realizam em relação ao ambiente que o homem organiza". Ele destaca, ainda, o papel que a Bienal poderá ter na afirmação profissional do arquiteto, pois está "voltada para o projeto e o relevo que ela dá aos seus autores se constitui em mais um passo nesse sentido".



## A participação do BNH na mostra internacional

Para Rubens Costa, presidente do Banco Nacional da Habitação, a Bienal de Arquitetura "é um importante momento do processo de desenvolvimento da política habitacional que vem sendo executada pelo governo brasileiro". O BNH, um dos patrocinadores da Bienal de Arquitetura, juntamente com a Fundação Bienal de São Paulo e Instituto de Arquitetos do Brasil, oferecerá um dos prêmios para a exposição internacional de projetos e mostrará suas recentes experiências no setor de habitação popular.

### Espaço físico

O presidente do BNH acredita que a confrontação de experiências nacionais e do exterior, a ser proporcionada pela Bienal, representa para o Banco Nacional da Habitação uma de suas mais interessantes realizações. Para ele, a temática da Bienal

## A atração dos arquitetos no processo urbano

O arquiteto Mário Pinheiro, representante do BNH no Conselho Diretor da Bienal, acha que o papel do Banco nessa exposição é mais o de dar a necessária cobertura. O interesse do BNH em ver a Bienal realizada é explicado por Mário Pinheiro como estando muito ligado ao tema "O Ambiente que o Homem Organiza", porque, segundo ele, "o BNH, como grande agente financeiro das áreas urbanas, e de acordo com o tema, espera que existam projetos e planos para que os seus objetivos sejam atingidos".

A importância da Bienal em si está no fato de ela "vir caracterizar de público, pela primeira vez, as várias formas de atuação do profissional em arquitetura". Mário Pinheiro lembra da antiga mostra, que, feita como uma parte da Bienal de Artes Plásticas, "tendia a levar o arquiteto a uma desvinculação cada vez maior com a realidade profissional".

### Desvinculação

Mário Pinheiro percebe que essa de-

## Maior participação para o arquiteto no sistema rodoviário

O engenheiro Eliseu Resende, presidente do DNER, entidade que participa da Bienal de Arquitetura expondo algumas de suas principais obras, como a Transamazônica e a Perimetral Norte, acredita que estão reservadas para o arquiteto tarefas da maior importância naquilo que ele chamou de "verdadeira explosão rodoviária que ocorre no país". Eliseu Resende entende que o trabalho dos arquitetos com relação à rodovias não deve ser somente o de "embelezá-las", mas também o de integrar as equipes multidisciplinares que as projetam.

A participação do arquiteto no projeto de estradas de rodagem se limitava à realização de obras colaterais, como edifícios da administração rodoviária, instalações de apoio

de Arquitetura ("o ambiente que o homem organiza") traduz de maneira extremamente feliz a preocupação atual não só do BNH, mas de todas as entidades públicas e privadas que se defrontam hoje com o desafio do crescimento urbano brasileiro: "Compreender a arquitetura como organização do espaço físico necessário às atividades do homem, abrangendo desde o projeto de um simples ambiente residencial (arquitetura de interior) até a organização dos grandes espaços urbanos e regionais (planejamento físico-territorial), coincide com o pensamento do Banco Nacional da Habitação, que vem realizando esforços no sentido de atender a toda a gama de financiamentos demandados pelo crescimento de nossas cidades".

### Apoio do BNH

O convênio que possibilitou a rea-

claração pode despertar dúvidas entre os profissionais e decide explicá-la melhor: "Acontece que os arquitetos se formam baseados nos modelos de Lúcio, de Oscar, de Artigas e dos grandes expoentes da profissão. Esse tipo de atuação, no entanto, é reservado a uma pequena parte dos profissionais, uma porcentagem mínima que a sociedade ainda pode consumir. Mas o que a sociedade realmente precisa é de profissionais para funcionar dentro dos grupos interdisciplinares, que são as entidades oficiais e as empresas privadas".

Ele reconhece que nessa área as restrições são maiores, mas acha que a participação do arquiteto é fundamental porque esse campo está muito bem servido de técnicos, faltando, porém, um profissional com uma formação humanista, como é o arquiteto: "Ele tenderá a chamar a atenção para valores sociais e culturais, que não é uma preocupação de profissionais de atuação específica".

ao usuário, equipamentos de lazer e repouso do viajante, além da humanização das rodovias. A dicotomia entre arte e técnica, herança cultural de épocas passadas, interditava ao arquiteto participar do projeto da rodovia como tal. Mesmo no que dizia respeito a paisagismo, antes considerado obra complementar, sinônimo de coisa supérflua, com conotação sentimental, havia nítida distinção entre o projeto de engenharia e o "embelezamento" posterior.

Eliseu Resende esclareceu que hoje o DNER visualiza as rodovias buscando a harmoniosa adaptação da estrada ao terreno, com o aproveitamento dos cenários naturais ou criados pelo homem. Além de requerer a contri-

lização da Bienal de Arquitetura significa para Rubens Costa a maturidade de um processo iniciado com o apoio que o BNH, o IAB e a Fundação Bienal de São Paulo, isoladamente, sempre deram às mostras de arquitetura: "Entendendo a arquitetura como um dos aspectos básicos da problemática habitacional do país, o BNH procurou desde os primeiros momentos colaborar com as Bienais, do que é exemplo marcante o concurso de escolas de arquitetura, buscando estimular a pesquisa de novas propostas arquitetônicas para a solução de seus conjuntos residenciais. Agora, concluiu, "a Bienal de Arquitetura proporcionará a seus visitantes uma visão panorâmica do quanto se vem fazendo e do quanto se tem a fazer pela organização racional do habitat do homem brasileiro".

### Mudar posições

Mário Pinheiro acredita, em função disso, que chegou o momento do arquiteto repensar a forma de atuação profissional, levando esse tipo de preocupação até as escolas, "que se ressentem de uma maior objetivação".

A seu ver, a grande importância desta Bienal de Arquitetura não é só levar uma mensagem ao grande público e ao exterior, mas, principalmente, "propiciar a nós, arquitetos e estudantes de arquitetura, uma reflexão sobre o quadro que está a nossa frente". Mário Pinheiro acrescenta que tem visto "todas aquelas nossas teses serem incorporadas pelo governo", mas que não tem havido uma resposta à altura dos arquitetos. Pelo contrário, as grandes firmas de consultoria de engenharia, com iniciativas práticas e concretas, estão ameaçando tomar a dianteira num processo em que os principais agentes deveriam ser os profissionais de arquitetura.

buição do arquiteto, chama também o urbanista para resolver os problemas resultantes do binômio cidade-estrada e participar do projeto das vias expressas urbanas.

No entender do superintendente do DNER, a Bienal de Arquitetura — preocupando-se em mostrar os diversos aspectos da ocupação territorial — "é a oportunidade para concluir todos os arquitetos a verem na arquitetura rodoviária um novo campo que se abre à profissão, uma nova e fascinante especialização a merecer profundo estudo, pois a auto-estrada, a via expressa, a ponte, o viaduto, podem ser considerados como realizações representativas da criatividade espacial do nosso tempo".

## Algumas análises sobre a importância desta mostra

"Esta Bienal é um grande instrumento de divulgação e promoção da arquitetura brasileira e, conseqüentemente, um meio de valorização do profissional e de abertura do mercado de trabalho para projetos."

O entusiasmo de Peter José Schweitzer, presidente do Sindicato dos Arquitetos na Guanabara, não admite qualquer omissão em relação à Bienal de Arquitetura. De quem quer que seja:

"Para o arquiteto, a Bienal será sempre o ponto de encontro com as experiências de projetos e trabalhos de composição de outros profissionais, o que o leva a procurar novas concepções para atender às exigências da sua sociedade e do seu tempo. Para o público, a Bienal vai mostrar o esforço de pesquisa e concepção que está se fazendo no país."

Para Schweitzer, a Bienal deve se deslocar por todo o país. Ela é sempre um acontecimento importante, mesmo se encarada como um simples concurso universitário:

"A Bienal cria um ambiente de trabalho e pesquisa nas universidades, incentivando a realização de trabalhos em equipe. A disputa pela qualidade na concepção leva os estudantes a uma avaliação das reais condições do futuro exercício profissional."

A análise menos apaixonada que o presidente do Sindicato da Guanabara fizer da Bienal sempre soará como um aplauso estridente. Exemplo: "Quanto ao tema 'O Ambiente que o Homem Organiza', não poderia ser mais oportuno. Numa época em que

poluição, urbanização, destruição e construção se confundem, é fundamental investigar as causas e as reações, para poder preparar o futuro com decisões tomadas hoje."

A realização de uma exposição internacional de projetos e a proposição de uma tribuna para o debate do "Ambiente que o Homem Organiza" têm para os arquitetos o significado de um balanço oportuno do avanço de suas atividades profissionais.

Diferentemente das mostras anteriores, a arquitetura apresenta-se individualizada, destacada das artes plásticas onde se vinha situando até há pouco no Brasil. Sem prescindir dos aspectos artísticos em suas realizações, os arquitetos se apresentam como profissionais da edificação, do urbanismo, do objeto (desenho industrial) e da comunicação visual (mensagem).

### Capacitação profissional

Este é o depoimento de Alfredo Paesani:

Para o Sindicato dos Arquitetos de São Paulo, a Bienal de Arquitetura é a afirmação viva de sua capacitação profissional e a oportunidade de demonstração de que ainda é restrita sua participação no trato dos problemas relativos à paisagem, à reformulação dos espaços urbanos, aos novos acessos da ocupação territorial, ao desenho dos objetos. A Bienal de Arquitetura certamente surpreenderá alguns pela extensão e profundidade da atuação profissional dos arquitetos, a qual, apesar do seu crescimento e diversificação, está muito aquém da potencialidade de

trabalho e experiência acumulada. O Sindicato confia em que o balanço crítico que a Bienal de Arquitetura realizará será muito útil para motivar os poderes públicos e a sociedade em geral a demandarem dos arquitetos o total de sua força de trabalho, com o que eles poderão ampliar sua contribuição ao desenvolvimento nacional.

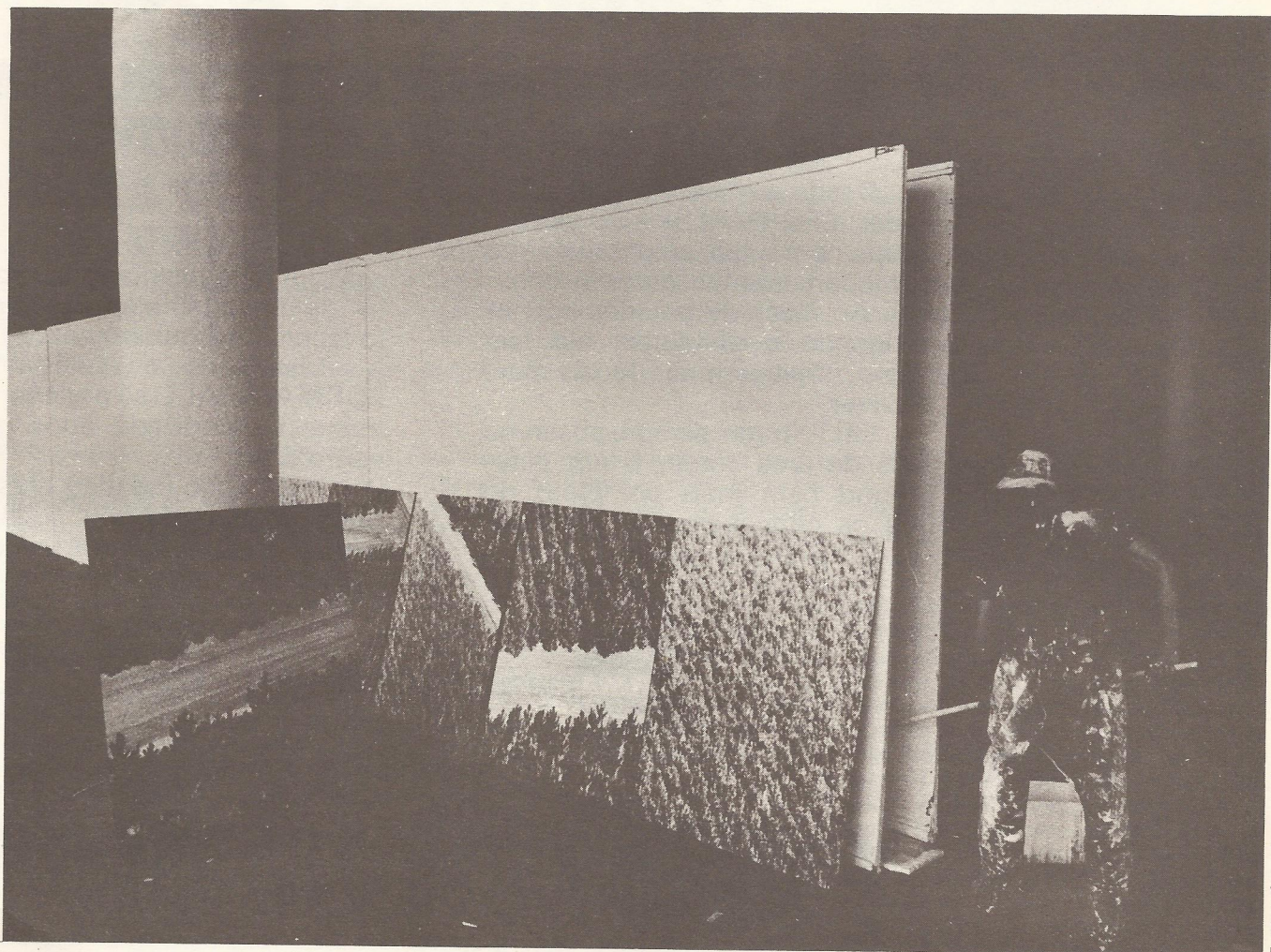
### A imaginação artística

O depoimento de Paulo Mendes da Rocha:

Em um dos mais belos edifícios do mundo, equivalente em área à metade da Avenida Paulista, destinado à manifestações artísticas, exposições de arte, — o prédio da Fundação Bienal —, se fará uma amostragem dos trabalhos que intervêm para organizar nossa paisagem.

Na Bienal de arquitetura deste ano, estarão expostos projetos de jardins, ruas, sistemas de transportes, casas, escolas, vestuários de atualização do nosso patrimônio artístico, histórico, de reflorestamento, de desenho de objetos...

O próprio recinto, amplo passeio por lajes, rampas e patamares que se sucedem, urbanisticamente desenhados, abertos, também, para a paisagem, jardins de Burle Marx (maltratados) é um trabalho que se exhibe, com sua marcada intenção de "ampliar e adensar as relações sociais". Esse encontro reafirma a convicção, em nosso meio, que diz, nas escolas, nos projetos, ser a imaginação artística, a invenção, o caminho da arquitetura, capaz de sintetizar o desejo incontrolável de progresso e o



conhecimento científico e técnico tão amplo, diversificado e traiçoeiro, quando desorganizados.

Os mais interessantes artistas de nosso tempo, vêm sendo os Latino-americanos. Na literatura, nas artes visuais, na arquitetura. São os navegantes do século XX desvendando um — ainda — novo continente.

Entre o conhecer e o que fazer, fica o espaço destinado ao projeto. Aprendemos que a natureza só pode ser tocada pelo gesto criador, que não a destrói, mas acrescenta-lhe uma dimensão humana.

A construção não nos interessa se não quando estruturada, rigorosamente, no seu evidente sentido de significado social, contemporâneo.

São Paulo, que vê a urgência em desenhar sua cidade, fará da Bienal de Arquitetura um espetáculo de trabalho, altamente informativo, que se repetirá, enriquecido cada vez mais pela experiência do nosso trabalho.

## O mais importante, nas ruas

“Não podemos esperar que a organização de uma primeira exposição não apresente falhas. Inevitavelmente elas existirão, e esse é o preço que a I Bienal terá que pagar.”

O arquiteto João Ricardo Serran, presidente do IAB/GB, não acredita que a organização seja o problema mais grave da I Bienal Internacional de Arquitetura. Afinal de contas a Fundação Bienal de São Paulo, o BNH e o IAB têm condição de apresentar uma boa exposição. A organização é só um dos complicados aspectos de um empreendimento desse tipo.

O que dizer, por exemplo, da repercussão internacional dos trabalhos expostos?

Ainda é cedo para avaliar a repercussão que a I Bienal Internacional de Arquitetura terá no exterior. Com os dados disponíveis e fundamentado no que entendo por arquitetura brasileira e exposições sobre a matéria, quando muito, posso levantar algumas hipóteses.

Inicialmente devemos considerar que a organização de uma exposição de âmbito internacional é muito complexa e sua repercussão depende de um sem-número de fatores. Desde a organização propriamente dita, até o nível das proposições apresentadas, todo um conjunto de aspectos que pode resultar em boa ou má repercussão internacional.

Evidentemente não esperamos que a organização de uma primeira exposição não apresente falhas. Inevitavelmente elas existirão e esse é o preço que a I Bienal terá de pagar. O problema, no entanto, não está seguramente na organização dessa mostra. A experiência da Fundação Bienal de São Paulo e o apoio do BNH, certamente, darão a cobertura necessária ao IAB para que tudo corra adequadamente.

Quanto à repercussão decorrente dos trabalhos a serem expostos, não espero que as proposições brasileiras venham a mudar para melhor a imagem que o mundo tem da arquitetura que realizamos. Creio mesmo que, em certas condições, a mostra poderá revelar um retrocesso, se comparada com as do passado. Afinal de contas, o que se fez de im-

portante no Brasil depois do advento de Brasília, há dez anos passados? É certo que algumas obras de qualidade foram concebidas e, até mesmo, executadas. Mas é igualmente certo afirmar-se que o conjunto das melhores obras produzidas na década dos 60 não tem o mesmo poder de impacto que tiveram os conjuntos dos anos 30 e 40, para não comparar com o impacto produzido no mundo pelo conjunto urbanístico-arquitetônico da nova capital dos anos 50.

Com muita boa vontade, posso admitir que estamos vivendo uma fase de transição em nossa arquitetura. Isso, pelo menos é no que acredita uma parcela dos arquitetos, para justificar a situação atual. Na verdade, tendo a crer que estamos em pleno processo de recuo nas conquistas das décadas anteriores. Nunca se desrespeitou tanto a arquitetura como nos dias atuais e, paradoxalmente, nunca o País construiu tanto, como hoje em dia.

Ainda que eu não conheça o que se vai apresentar em nome da arquitetura brasileira nessa I Bienal, sou levado a crer que não será um panorama real do que se vem construindo no País. A se repetir experiências anteriores, a tendência será expor alguns tantos projetos de boa qualidade, que foram dispersados no caos urbano que caracteriza a maioria de nossas atuais cidades.

Isto porque a maioria dos brasileiros continua a associar a idéia de arquitetura à estética dos edifícios, quando não, apenas ao trabalho de arquitetos. Daí, uma exposição de boa

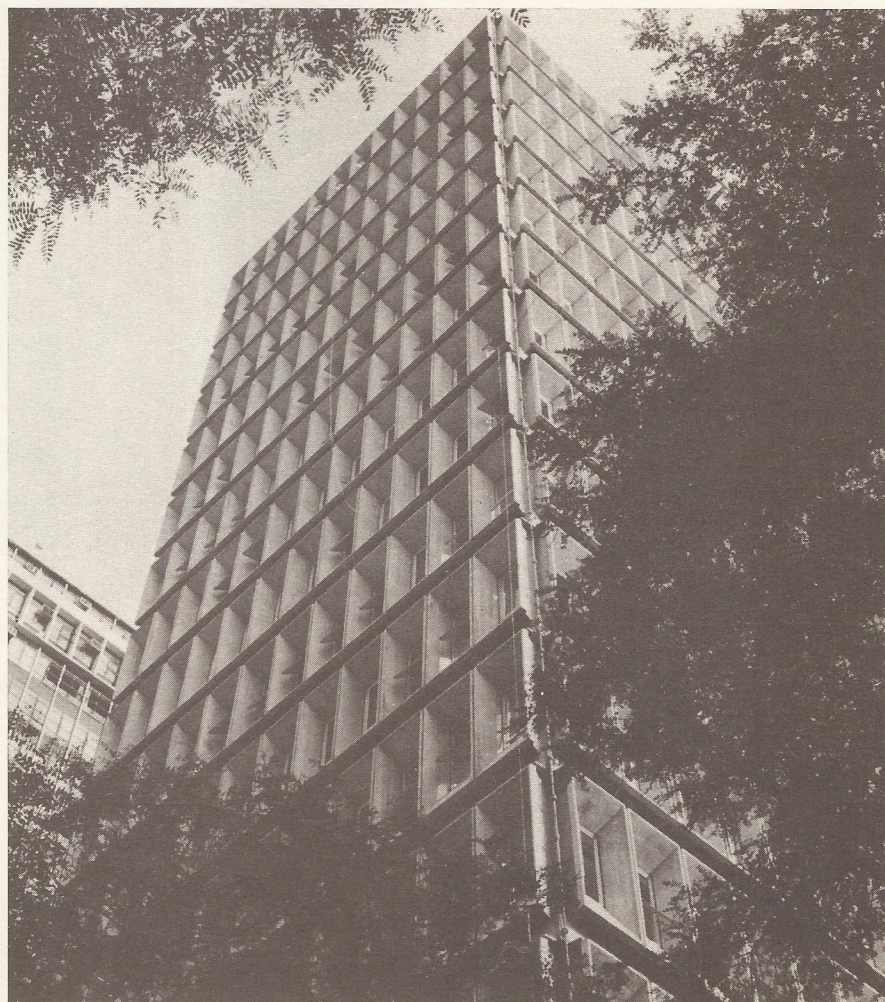
arquitetura apresentar, apenas, uns tantos projetos de boa qualidade.

Mas, se entendêssemos que a arquitetura está implícita a todo e qualquer edifício construído e seu entorno, bom ou mau, projetado por arquiteto ou curioso, assim como as cidades resultantes de sua justaposição, então, uma mostra de arquitetura seria algo bem diverso do que estamos acostumados a apreciar. Dentro dessa outra perspectiva, a I Bienal revelaria uma realidade bem diversa da imagem produzida por uma centena de bons projetos. Teríamos ocasião de ver cidades com um crescimento acelerado sem plano de qualquer espécie, seriam apresentados com destaque os problemas decorrentes deste **non sense** urbanístico, como os aglomerados subnormais e os conjuntos habitacionais que dão a marca dos tempos na maioria de nossas grandes cidades. Até que ponto isso seria bom ou mau para a imagem externa de nossa arquitetura é uma pergunta cuja resposta depende do ponto de vista do observador. Entendo que seria altamente positivo para a busca de novos caminhos, principalmente, que se conseguisse sensibilizar as autoridades brasileiras, o que considero, deveria ser, o objetivo principal dessa I Bienal.

De uma forma ou de outra, acredito que a I Bienal Internacional de Arquitetura deverá revelar essa situação. É quase certo que os visitantes estrangeiros não ficarão insensíveis à cidade de São Paulo, oportuno exemplo de nossa arquitetura contemporânea, no sentido nato da palavra.



Wolfgang Schoedon — Desenho industrial



Sidônio Porto — edifício para escritórios

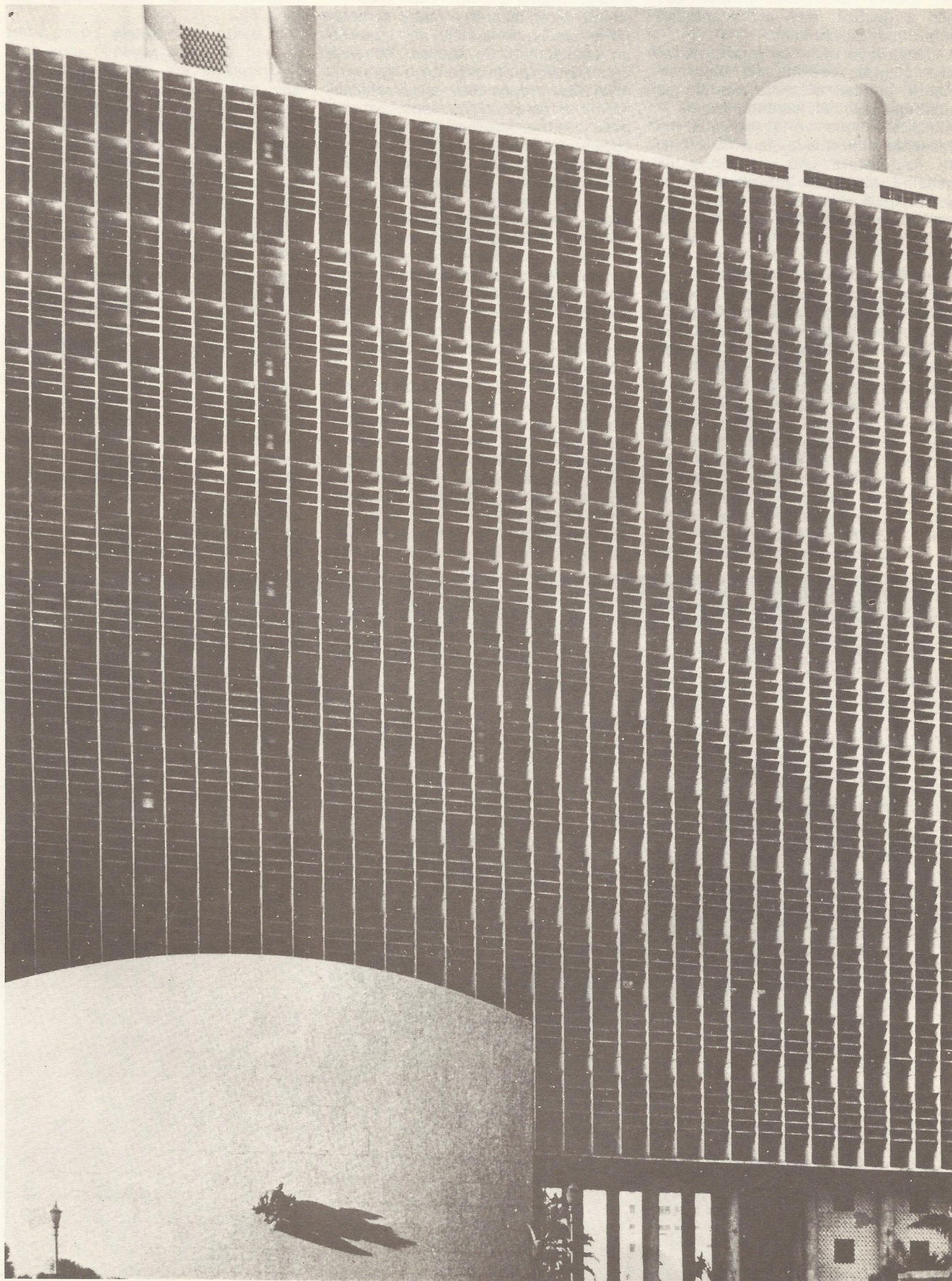
## Nas salas especiais, muito mais que homenagens

A Bienal terá uma exposição de abertura, que pretende ser a síntese do pensamento arquitetônico, representado não apenas pelos arquitetos, como por toda a intelectualidade; um roteiro histórico e geográfico dos comportamentos no processo da ocupação do território brasileiro. É inspirado em Capistrano de Abreu, historiador do século passado, que constatou que "no Brasil a ocupação é a história dos caminhos".

As salas especiais — Lúcio Costa, Burle Marx, Villanova Artigas, Joaquim Cardozo, IPHAN e IBDF —, segundo Júlio Katinsky, secretário executivo da Bienal, "se justificam pelo destaque da contribuição pessoal para a formação de um ideário, de um instrumental capaz de permitir uma aproximação mais justa com os problemas que nos perturbam e com as possibilidades de solução que se abrem".

Diz ele que não se trata de homenagens monumentais, mas de um justo destaque para os dados que usaremos daqui para a frente. Ninguém vai copiar ninguém, mas estamos amparados e orientados por esses que terão suas salas especiais, para poder resolver problemas que podem ser resolvidos".

A sala de **Lúcio Costa** se justifica, apesar de ele ter sua importância já reconhecida, pela tomada de cons-



ciência da cultura moderna, dos efeitos da Revolução Industrial e suas repercussões em todos os campos da atividade humana. Diz Katinsky que a história da arquitetura não se faz só sobre as obras, mas também sobre os projetos não realizados. Por isso, constarão da exposição de Lúcio Costa alguns de seus projetos que não foram executados.

A mostra de **Burle Marx** será o conjunto de seu trabalho como paisa-

gista, levando-se em consideração que ele foi discípulo de Lúcio Costa, além de seu amigo pessoal. Júlio Katinsky destaca no trabalho de Burle Marx a "fixação do problema dos grupos humanos em relação à natureza. E nisso ele pode ser considerado um precursor, pois foi quem colocou a importância da paisagem na arte moderna".

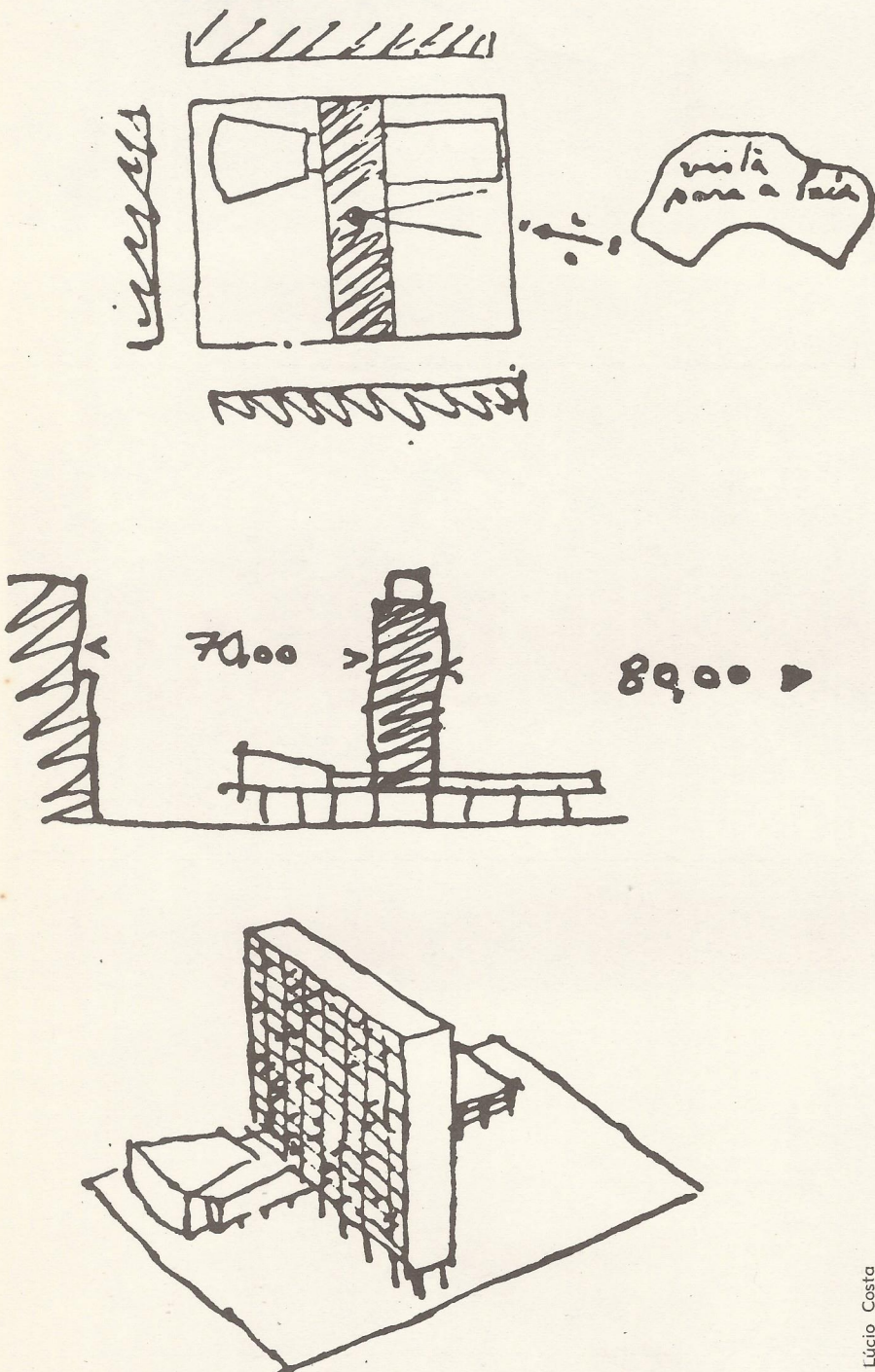
**Villanova Artigas** tem uma sala especial porque foi "o primeiro grande

educador em arquitetura, além de ter participação na criação de escolas, como a FAU/USP". Katinsky lembra que "ele formou uma geração inteira de arquitetos e que só pode ter feito o que fez porque é um grande arquiteto, porque teve um pensamento muito mais flexível do que seus próprios mestres".

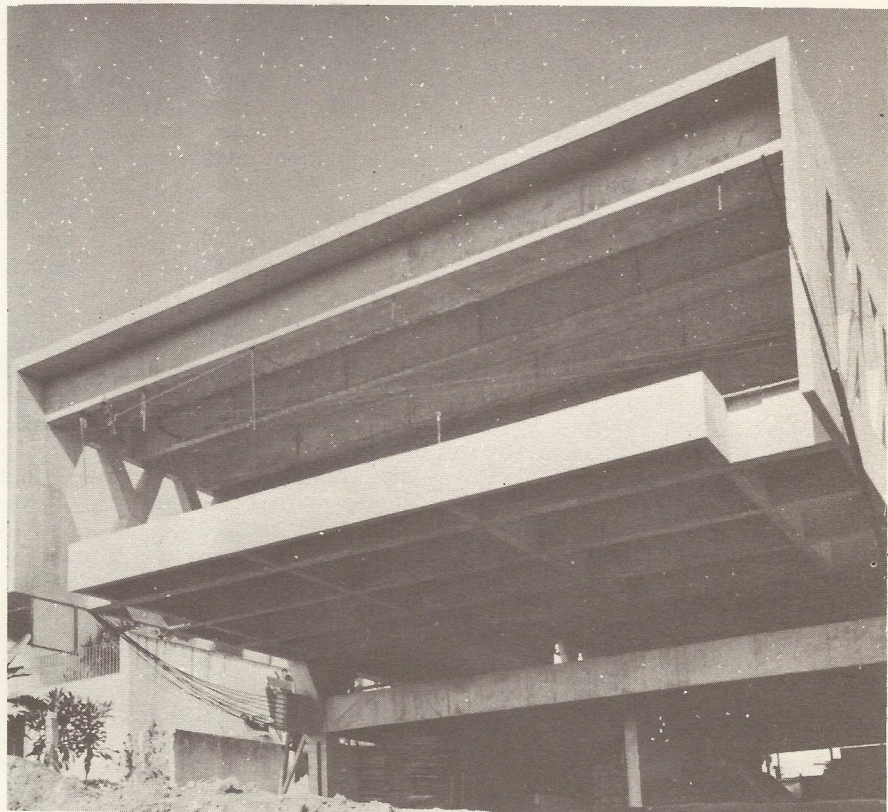
No trabalho de **Joaquim Cardozo** está, para Katinsky, o "caminho provável para o homem contemporâneo:

a união da poesia e da tecnologia em nosso viver cotidiano".

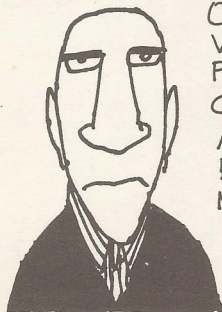
No conjunto de painéis do **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** será mostrada a "permanente relação entre presente e passado na reconstituição dos valores arquitetônicos e artísticos". Os objetos arquitetônicos estão entregues ao tempo, diz Katinsky, daí a importância do trabalho de conservação e restauração do IPHAN.



Lúcio Costa



Villanova Artigas — residência



A INVEJA DEU UM OBJETIVO À MINHA VIDA. UM MOTIVO PARA LUTAR E A CHANCE DE CHEGAR AO APÍCE. SE NÃO FOSSE INVEJOSO NÃO SERIA POTENTE



E NÃO SERIA INVEJADO POR OUTROS, CUJO OBJETIVO É LUTAR COMIGO PARA CHEGAREM AO APÍCE. ACREDITE NA INVEJA. FAZ FUNCIONAR O SISTEMA.

FEIFFER ESTÁ NO

**Grilo**

TODAS AS QUINZENAS EM TODAS AS BANCAS

## O velho e o novo, num processo contínuo

O professor Luís Saia explica neste depoimento a importância do trabalho do IPHAN.

Uma das tarefas centrais da arquitetura moderna e talvez do próprio homem moderno é encontrar os termos de convivência de herança positiva do passado com as pretensões e valores impostos à dignidade humana pelas experiências negativas desse próprio passado. Perante tal responsabilidade, a condição de especialista do arquiteto restaurador é admissível somente quando complementar uma formação bastante satisfatória; tanto que lhe impeça se converter em mero executor de tarefas primárias, destituídas de significado... arquitetônico. A exigência de "tirocínio de obras e de familiaridade com os processos construtivos antigos, sensibilidade artística, conhecimentos históricos, acuidade investigadora, capacidade de organização, iniciativa e comando e, finalmente, desprendimento", apontados por Lúcio Costa como necessários para quem trabalhe nessa faixa de atividade profissional, não dispensa uma sólida formação inicial. Nem sempre — ou quase nunca — o trabalho de restauração exaure a participação do arquiteto, posto que, frequentemente, lhe são propostos problemas de preservação de ambiência e de obras complementares destinadas à valorização do monumento e seu uso, necessárias a fim de que o mesmo se legitime, superando as aparentes contradições que pretendem opor épocas diferentes, como se fossem inconciliáveis ou se negassem mutuamente. A modernidade — instrumentos, materiais, processos e soluções — constituem meios operativos de proteção, preservação e consolidação dos monumentos, quer na sua compleição individual, quer nos arranjos que lhes permitam sobrevivência e uso adequados na vida moderna.

Os 35 anos de experiência do IPHAN contaram com a participação de arquitetos brasileiros que não possuíam nenhuma formação especializada em restauração, mas cujo conhecimento da arquitetura, permanentemente atualizado pelo estudo do tradicional e do contemporâneo, conduziu esse trabalho a um nível de profundo respeito pelos documentos do passado e de inegável atualidade na sua formulação cultural. Não houve apenas coincidência no fato de arquitetos de vanguarda estarem na condução dos problemas de proteção do nosso acervo tradicional. Ao contrário, esse fato permitiu que o IPHAN encontrasse uma orientação correta: a valorizar o antigo, imune aos vícios de um saudosismo doentio e de uma simplória política de salvados do incêndio.



Forte de Santana — século XVII



Casa do Sítio do Padre Inácio — Cotia SP — fim do século XVII



Ruínas da Missão de São Miguel — RS — século XVII

## A criatividade no trabalho dos estudantes

A Exposição Internacional de Escolas de Arquitetura, conforme está definido em seu regulamento, terá como objetivo incentivar a análise, a discussão e a avaliação de métodos de ensino, conceitos didáticos e processos metodológicos do projeto. Isso será feito através do confronto de idéias e propostas de ensino de arquitetura e sua aplicação configurada num projeto de espaço físico.

As escolas participantes estarão concorrendo ao prêmio Governador do Estado — medalha de ouro e Cr\$ 25.000,00 — e ao prêmio Prefeito Municipal de São Paulo — medalha de prata e Cr\$ 15.000,00.

Entre os projetos enviados pelas escolas brasileiras para a Bienal, estão os seguintes:

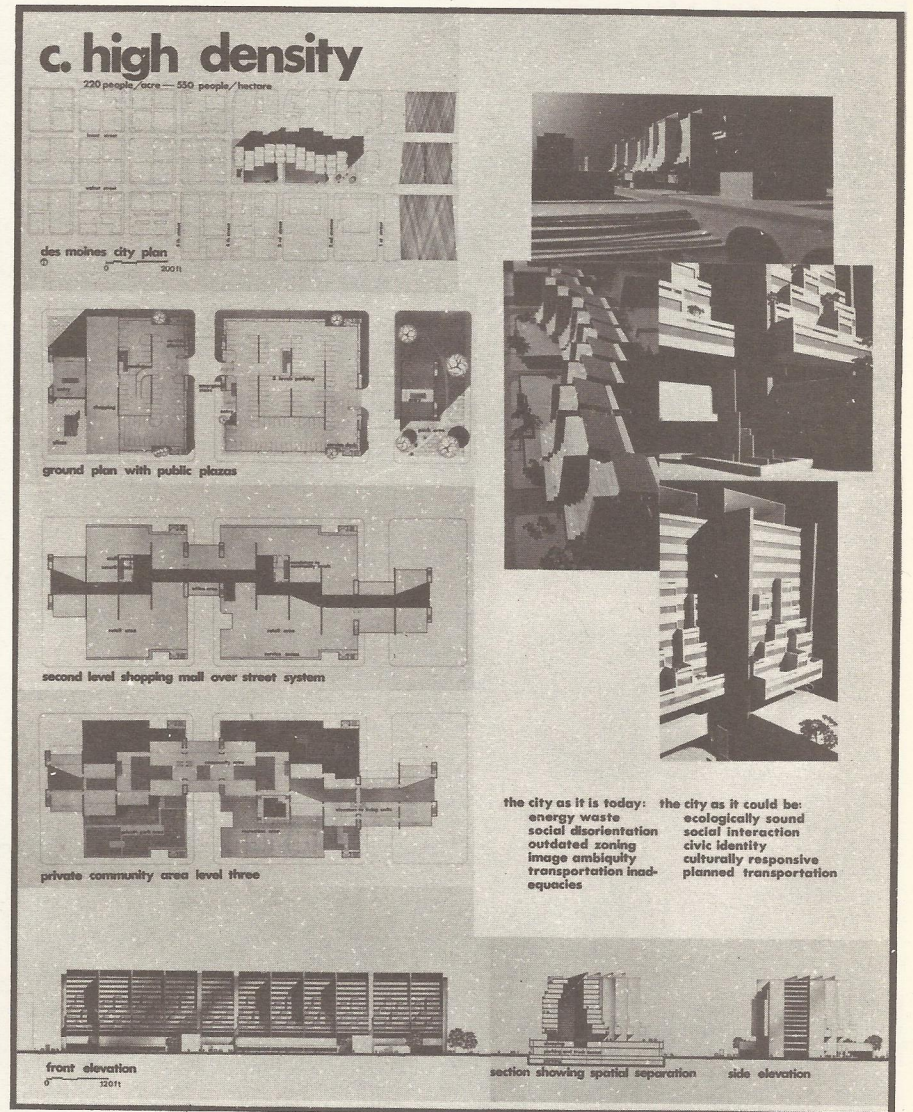
Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco — Os alunos dessa escola apresentam um trabalho, ao qual deram o nome de "Processo de Organização do Espaço Metropolitano de Recife". No texto que acompanha o projeto, os alunos explicam que "não se pode conceber a paisagem que o homem organiza como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos em que os próprios conceitos passam por uma série ininterrupta de transformações".

Mais adiante eles dizem que "da desordem inicial, construção de uma ordem como sistema de probabilidades. Deste sistema, e sem voltar atrás, introdução de elementos de desordem que estabeleçam uma tensão dialética com a ordem que lhe serve de base".

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Paraná — Título do projeto: "Uma Nova Comunidade Urbana no Pinheirinho". Os alunos explicam que esse trabalho "é encarado como um laboratório de pesquisa para a elaboração da estratégia de desenvolvimento da comunidade, que possa adequar o ensino à realidade: nosso nível de atuação". O projeto está dividido em quatro etapas: diagnóstico, prognóstico, proposta e avaliação.

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais — Os alunos dessa escola estarão apresentando uma "Proposta Ambiental para Turismo e Lazer na Pampulha".

Curso de Arquitetura e Urbanismo — Centro Tecnológico da Universidade Federal do Ceará — "Projeto Sobral" — Na justificativa de seu trabalho os alunos explicam que "o laboratório do arquiteto é a cidade. Nela vemos as soluções de ontem, os problemas de hoje. Nela sentimos o espaço urbano e vemos a interferência do fato arquitetônico. Se a cidade não atende o agora, é preciso transformá-la para o amanhã, mas para transformá-la é preciso, antes de tudo, conhecê-la e domá-la". Foi o que eles fizeram com a cidade de Sobral, no interior do Ceará.



O Instituto de Artes e Arquitetura da Universidade Nacional de Brasília traz o projeto Gurupi, Goiás, "uma proposta de intervenção". Apresentam os modelos de análise do espaço urbano e os processos metodológicos.

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, exporá o projeto feito para a cidade de Itapeitinga, em convênio com a prefeitura daquela cidade. O nome do trabalho "Comuniversidade", onde eles procuram "implantar uma mentalidade de planejamento em assuntos de arquitetura e urbanismo".

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, São Paulo, mostra o projeto para um sistema cultural, através da urbanização do bairro da Bela Vista. Outro grupo dessa mesma escola traz a "recolocação e implantação de um novo núcleo no vale do Paraíba".

A FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro exporá o projeto do Centro de Artes, na baixada de Jacarepaguá, uma proposta de criatividade e lazer.

**Programa para estudantes**  
 A Bienal de Arquitetura está reservando horários especiais para visitas de grupos de alunos e professores de escolas e faculdades interessadas em visitar a exposição. As equipes disporão de monitores para cada grupo de vinte alunos e terão acesso gratuito às várias exposições, montadas no Pavilhão da Bienal de São Paulo.

As reservas devem ser feitas através dos telefones 275-4390 e 71-9200, diariamente, a partir das 14 horas. Após a abertura, as solicitações das escolas deverão ser feitas com três dias de antecedência.

## O simpósio nacional de escolas de arquitetura

A idéia surgiu com o Encontro Nacional das Escolas de Arquitetura, realizado na Bienal 71. Agora, com uma Bienal de Arquitetura, que vai reunir escolas de todo o Brasil, não poderia ser deixada de lado a chance de enfrentar um "inimigo" comum: o currículo mínimo do MEC. Mas um dos membros da comissão organizadora, o arquiteto Paulo de Mello Bastos, faz questão de lembrar que o Primeiro Simpósio Nacional das Escolas de Arquitetura não se restringe apenas a uma discussão de currículo e atinge objetivos mais importantes.

"Através do material apresentado na exposição das escolas e das teses trazidas pelos participantes, poderemos fazer um balanço e análise das várias propostas didáticas aos cursos das faculdades brasileiras." Esse objetivo, aliás, está também no documento do Conselho Diretor da Bienal, que estabelece como prioridade a "análise, discussão e avaliação das várias experiências, propostas e diretrizes básicas nos diversos cursos", precisando as tendências e avaliando os principais problemas. O simpósio, aberto à participação de

todos, está com início previsto para o dia 2 de julho, e término dia 6. Dia 3, pela manhã, serão formadas as comissões e eleita, em plenário, a mesa diretora e comissão de redação. Na tarde de 3 e manhã de 4, os grupos ficarão reunidos, debatendo para apresentação em plenário intermediário, na tarde do dia 4. A manhã do dia 5 é livre, e os trabalhos recomeçam com mais reuniões, para finalizar na tarde do dia 6, com as principais conclusões colocadas no plenário de encerramento.

"É bem provável que destas discussões saia a proposta de um currículo mínimo atualizado", diz Paulo Bastos. Para ele, as faculdades mudaram muito, o que não aconteceu com o currículo. Apesar de algumas retificações, ele não conseguiu atender às exigências do ensino atual de arquitetura.

Fora dos debates, há algumas mudanças. "A Bienal sempre foi um concurso. Mas o que a comissão pretende — e já se pode verificar algumas diferenças com relação às organizações anteriores — é que as escolas de arquitetura não façam coisas especialmente para concorrer

e ganhar prêmios, e sim trabalhos que sejam significativos no próprio plano da faculdade." Paulo Bastos cita como exemplo a Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos. Seus trabalhos foram executados dentro do currículo da escola, nada foi preparado especialmente para a Bienal.

"A escola deveria se reunir e ver, na verdade, o que é que a representa melhor em termos de trabalho feito."

A idéia — que é de toda a comissão organizadora — não poderá ter desenvolvimento perfeito, pela "tradição das Bienais" e por ser este um primeiro encontro. Entretanto, a proposta é séria, e, com o correr do tempo, pretende-se fazer algumas mudanças consideradas até radicais: um júri, por exemplo, que escapasse às atribuições de apenas conferir prêmios, mas que fizesse uma análise crítica das obras, procurando compreendê-las, identificar tendências e debater suas propostas.

Paulo Bastos diz que, nesse sentido, "o próprio regulamento da Bienal já deu um primeiro passo para a concretização destes objetivos".

## O perigo da formação de novos desertos

Com o apoio da Organização Mundial de Saúde e da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, a Bienal de Arquitetura reunirá especialistas internacionais categorizados que debaterão os problemas do meio ambiente. Nessa oportunidade, sérias advertências sobre a destruição de reservas biológicas partirão de um incansável cientista brasileiro. Trata-se do professor Augusto Ruschi, titular da cadeira de Botânica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fundador, diretor e proprietário do Museu Biológico "Prof. Melo Leitão", em Santa Tereza, Espírito Santo. É ele quem afirma: "A humanidade é, por índole, narcisista. Jamais quer ser tolhida em suas pretensões. E paga caro, porque a natureza lhe cobra tributos pesados. Nosso planeta possui 121 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 45%, ecologicamente falando, são desertos. E a tendência é aumentar a desertificação. Sabemos que na região amazônica já existem áreas maiores do que o Estado de São Paulo, onde florestas majestosas foram transformadas em coatingas ou pré-deserto."

### Parques nacionais

Ruschi é um cientista que desde cedo conseguiu despertar o interesse de universidades e centros de estudo de vários países. Ainda nos anos 40, recebeu um convite — e recusou — para assumir uma cátedra na Universidade de Harvard. E tem sistematicamente recusado os convites para lecionar e pesquisar fora do Brasil. "Minha participação na Bienal de Arquitetura", justifica, "é o exemplo de um cientista pesquisando em biologia desde sua infância até os dias atuais, tendo observado, planejado e executado em volta da sua própria

residência uma obra que espelha todos os ângulos dos problemas da vida profissional e cotidiana." Com seu próprio exemplo, ele mostra que pôde realizar um trabalho sério e amplo, graças a sua dedicação e, também, ao ambiente que dispôs para suas pesquisas: "O Brasil é detentor de uma variedade de climas e, portanto, de ambientes ecológicos naturais muito diversos. Por estar numa região tropical, traz em si uma riqueza de nichos ecológicos que lhe dão essa multiplicidade polimórfica de espécies vegetais e animais que não se encontra em região alguma do mundo. Mas a aceleração do desenvolvimento nos traz a observação de que, fora da Amazônia, quase nada foi preservado do ambiente natural para, no futuro, servir de lenitivo à vida de 'lufa-lufa' dos grandes centros populacionais. São áreas que deveriam compor uma grande série de parques nacionais, indispensáveis à vida do homem moderno".

### Importância da microclimatologia

"Não podemos continuar impostos pela carreira vertiginosa do desenvolvimento da tecnologia, até atingir um 'modus vivendi' do homem do deserto", adverte Ruschi. Comparando as cidades com as zonas rurais, ele afirma que os climas das cidades sofrem em geral temperaturas mais altas, com velocidades menores dos ventos e mais chuvas. Fundamentalmente isto se deve à diferença empregada nos materiais de superfície, formas geométricas complexas, qualidade do ar e fontes adicionais de umidade e calor, além do teor variável de poluição. O balanço total de energia é, portanto, muito diferente daquele da residência em campo aberto. Por sua vez, os edifícios

criam microclimas ao seu redor e os microclimas de interior constituem objeto da engenharia de calefação e ventilação, justificando o crescente uso do vidro nos edifícios. Mas, segundo Ruschi, não se tem estudado por completo a importância dos microclimas e a possibilidade de modificá-los em benefício do homem.

Ruschi vê na microclimatologia uma forma de compatibilizar a arquitetura e a vida humana do amanhã: "O estudo das bases energéticas dos microclimas, unido ao conhecimento da canalização do vento ao redor dos edifícios e às possibilidades de diminuição do mesmo, pode melhorar as condições nos espaços abertos das cidades. Por isso, a microclimatologia tem despertado atualmente um maior interesse, e é um fator que nos impulsiona a voltar para a natureza, com os recursos do paisagismo e do criativismo, que são fartos na arquitetura brasileira", concluiu.

Serviços de qualidade

Linotipadora Godoy Limitada  
Rua Abolição, 263, 32 7752  
São Paulo



## Os grandes projetos nacionais

As realizações do governo no campo das construções urbanas, engenharia rodoviária e obras de integração nacional serão expostas no 1.º andar da Bienal de Arquitetura. Ao lado de trabalhos sobre os grandes projetos públicos — federais, estaduais e municipais — e particularmente as novas experiências do BNH na área de habitação popular, a Bienal contará com a participação de firmas construtoras e empresas industriais responsáveis pela realização de obras de infra-estrutura e pela produção de diversos equipamentos utilizados pela engenharia.

Grande parte da área de 20.000 m<sup>2</sup> da Bienal será ocupada por uma exposição das realizações dessas firmas e dos equipamentos industriais produzidos para vários setores da construção civil, construção naval, barragens e hidrelétricas, rodovias e obras urbanas em geral. Para os arquitetos, tudo isso interfere no processo de transformação e ocupação territorial do país, na relação do homem com o meio ambiente, que é a grande temática da Bienal.

### Nordeste e Amazônia

Depois de manter uma série de contatos nos Estados do norte e nordeste, o arquiteto Mário Pinheiro, representante do BNH no Conselho Diretor da Bienal, viajou para Porto Alegre como delegado especial da mostra para convocar autoridades e entidades do sul.

Mário Pinheiro anunciou a presença de representações oficiais dos Estados da Bahia, Pernambuco, Ceará e Amazonas, com apoio dos governos estaduais e prefeituras locais. Fortaleza mostrará o sistema viário básico, os centros comunitários de bairro e a nova estação rodoviária. A Suframa — Superintendência da Zona Franca de Manaus — enviará o projeto da área industrial e o governo da Bahia, através da Urbis, trará para a Bienal o projeto do grande centro administrativo que está construindo em Salvador.

O BNH apresentará trabalhos referentes à parte habitacional e sobre saneamento, as experiências que estão sendo feitas na área da habitação popular e o projeto CURA — primeiro projeto de desenvolvimento urbano que o Banco está preparando. Enquanto isso, o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional promoverá uma exposição sobre as cidades antigas do nordeste, permitindo um confronto com as novas soluções urbanísticas como Curitiba e a "Nova São Paulo".

O arquiteto Mário Pinheiro sublinhou que "em todos os contatos mantidos com autoridades estaduais e federais sentimos que foi muito bem captado o espírito fundamental da Bienal, que é mostrar os melhores projetos brasileiros e destacar a contribuição que o arquiteto pode trazer para o enriquecimento da nossa paisagem urbana e para a ocupação física do país".

### Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo participará da Bienal num espaço de 1.800 m<sup>2</sup>, onde exporá trabalhos do Metrô, da Emurb, da Cogep, da Secretaria de Obras, da Secretaria dos Transportes, do Prodam e da Comgás.

A organização da mostra está sendo coordenada pelo arquiteto Edgard Ferreira Leite, da Coordenadoria Geral do Planejamento da Prefeitura. O Metrô mostrará a maquete de toda a linha Norte-Sul, de Santana até o Jabaquara. Separadamente estarão, também, as maquetes de carros, do centro de controle operacional, da estação da Ponte Pequena e da estação da Sé.

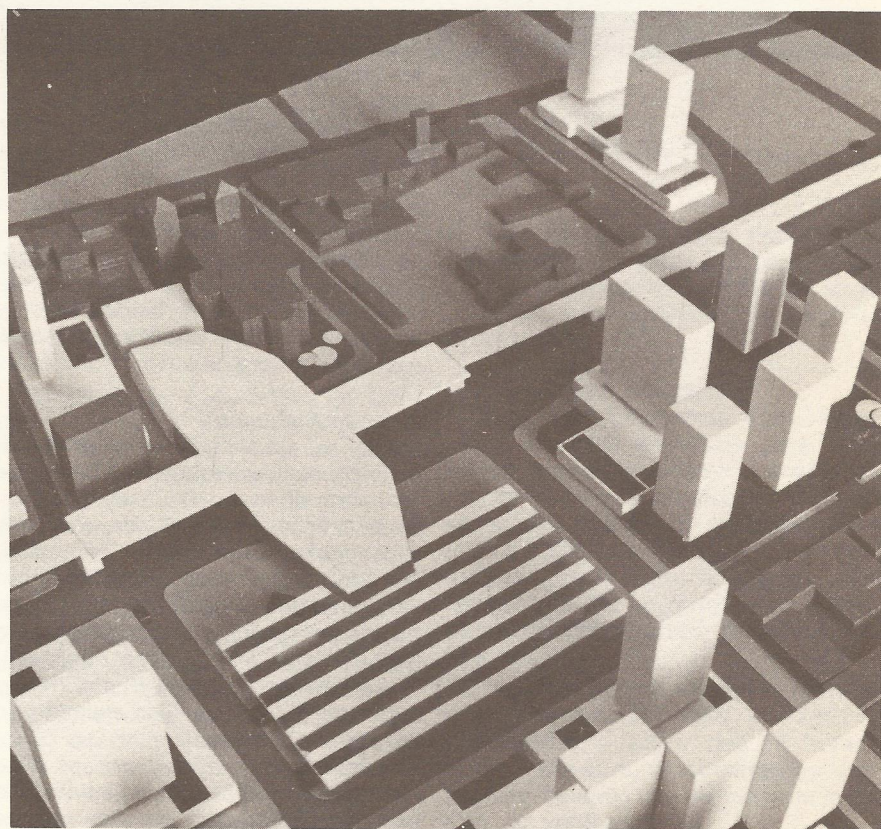
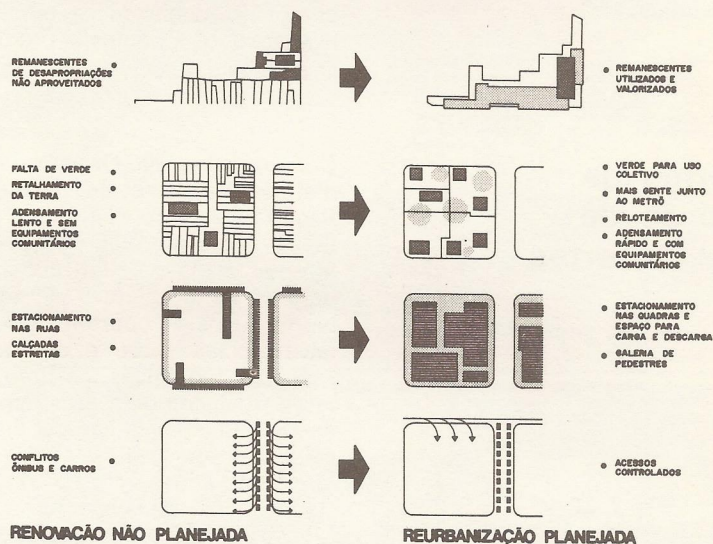
A Empresa Municipal de Urbanização apresentará em quarenta pranchas os projetos de renovação urbana de Santana e Jabaquara, projeto da área em torno da estação da Conceição, passarelas para pedestres e o projeto da Nova Avenida Paulista.

As justificativas do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de São Paulo e a Lei de Zoneamento, complementar ao Plano Diretor, serão apresentadas pela Coordenadoria Geral do Planejamento, através de plantas.

A Secretaria de Obras mostrará onze projetos selecionados de vias arteriais, pontes e viadutos. Enquanto a Secretaria dos Transportes irá expor os projetos das vias expressas prioritárias, com as plantas.

A Companhia Municipal de Gás exporá o sistema da expansão da rede de gás encanado. Fará, também, a demonstração de elementos relativos à instalação de gás, através de filmes. Haverá ainda a participação de outros órgãos municipais, como o Prodam, que mostrará como, através do processamento de dados, o computador pode ser útil à administração da cidade. A exposição dará um panorama geral do planejamento municipal.

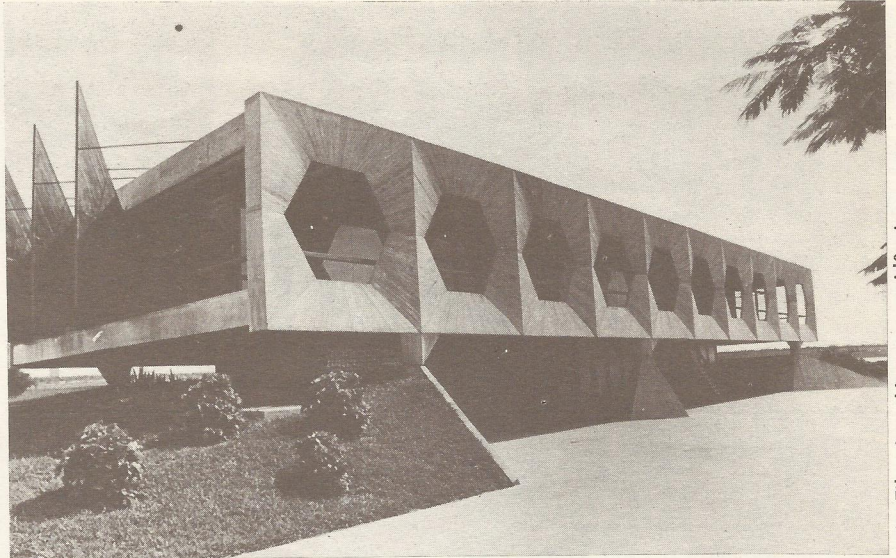
### OBJETIVOS DO PROJETO SANTANA



## A maior exposição de projetos

Setenta e seis arquitetos estarão representando China, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Iugoslávia, México e Polônia na Exposição Internacional de Projetos da Bienal de Arquitetura. Argélia e União Soviética, também presentes, não concorrerão à premiação por não estarem inscritos.

Na ala nacional serão expostos projetos de Edificação, Desenho Industrial, Comunicação Visual e Urbanismo, selecionados previamente por uma comissão composta pelos arquitetos Jaime Lerner, Edgar Graeff e Alfredo Porto Brito. Ainda em fase de montagem, alguns países deixam entrever projetos de interesse significativo como a estrutura de bambu da Colômbia, um hotel localizado no centro de Amsterdam, na Holanda, e a embaixada da Espanha em Brasília.



João Filgueiras Lima — residência

Manoel Coelho Arquiteto

**SISTEMA VIÁRIO DE CURITIBA ORIENTAÇÃO DE TRAFEGO**

índice rúta de Curitiba

Rua Marechal Floriano	
Rebouças	S5

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ ()%& 1234567890 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Estacionamento Para 1 Hora

Rodoviária Bloco Estadual Ferroviária a 100 m

Batel Via Rápida

Estrutural Norte Anel Central

N 9 4

PROPARQ

PROPARQ

Juvevê Mercês 328

a 50m

a 100m

Quilômetro Controlado Estacionamento

a 50 m

Manoel Coelho — Comunicação visual



Fabio Pentecado/Alfredo Paesani — Harmonia Tênis Clube

## Um bom programa para julho: Ouro Preto

Uma parte conceitual, com 54 horas/aula previstas, e uma parte prática, com previsão de 76 horas de trabalhos, formarão o curso de Arquitetura Barroca, incluído pela primeira vez na programação do 7.º Festival de Inverno, no próximo mês de julho, em Ouro Preto. O curso tem 25 vagas, que poderão ser preenchidas por arquitetos, estudantes de arquitetura e arte, e pessoas interessadas no assunto.

A parte teórica do curso será ministrada de 2 a 16 de julho. A partir do dia 17 serão iniciados os trabalhos práticos de levantamentos e agenciamentos de edifícios e sítios urbanos de Ouro Preto, bem como o levantamento histórico-documental dos monumentos e edifícios da cidade, sob a orientação do prof. Ivo Porto de Menezes, da Escola de Arquitetura da UFMG e da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal de Ouro Preto e membro do Conselho Diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de MG.

### O curso prático

Os candidatos poderão fazer sua inscrição na Secretaria do 7.º Festival de Inverno (Reitoria da UFMG — Cidade Universitária — Cx. Postal 1621 — Belo Horizonte). A taxa é de 450 cruzeiros e dá direito a alojamento e alimentação durante todo o mês, em Ouro Preto. Segundo o prof. Ivo Porto de Menezes, o objetivo do curso é divulgar e auxiliar na preservação do patrimônio histórico-artístico-cultural mi-

neiro. Para os trabalhos práticos de agenciamentos e levantamentos, os inscritos serão divididos em turmas, que se encarregarão dos diferentes serviços, de acordo com a habilitação dos alunos. Serão feitos levantamentos dos seguintes edifícios e monumentos: Palácio Velho, Casa na rua das Lages (jardins), Casa na rua Alvarenga e Ruínas dos Sobrados da Fonte Seca.

Os estudos de agenciamentos serão feitos em: Palácio Velho, Casa de Gonzaga, Casa dos Contos, Igreja de São Francisco de Assis, Chafariz dos Cavalos, locais para turistas, Morro da Queimada e do tráfego em Ouro Preto. A escolha de outros locais para levantamento ou agenciamento obedecerão preferencialmente, segundo o prof. Ivo, ao Plano Viana de Lima.

### Curso teórico

A parte conceitual, em 54 horas, terá aulas de "Barroco — Teorias", "Barroco na Europa", "Brasil: Meio Físico e Social", pela prof.ª Marina E. W. Machado, de Belo Horizonte. O prof. Luciano Amedée Péret, da Escola de Arquitetura da UFMG, vai ministrar oito aulas sobre "Sistemas Construtivos". "Urbanismo" será a aula ministrada pelo prof. Joanny Machado; a prof.ª Suzy de Melo vai ministrar duas aulas sobre "Edificações Cívicas" (urbanas e rurais) e duas sobre "Edificações Oficiais" (fortes, casas de governo, aquedutos, chafarizes, casas de câmara e cadeia). Finalmente, o prof. Augusto Carlos da Silva Teles vai dar 10 aulas sobre "Construções Religio-

sas". Cada aula terá a duração de duas horas.

Ainda na parte teórica, serão feitas diversas palestras: o dr. José Joaquim Carneiro de Mendonça fará duas palestras sobre o "Mobiliário Colonial Brasileiro"; o prof. Luciano Amedée Péret fará duas sobre "Teatros"; o restaurador Jair Afonso Inácio fará duas sobre "Pintura dos Séculos XVIII e XIX no Brasil", o prof. Mário Berti fará duas sobre "Jardins do Ciclo de Ouro". Haverá mais duas palestras sobre "Imagínaria e Alfaias" e o prof. Ivo Porto de Menezes, diretor do curso, falará sobre o "Plano Viana de Lima".

### Bibliografia

Para os alunos que pretendem inscrever-se no curso de Arquitetura Barroca do 7.º Festival de Inverno, o prof. Ivo Porto de Menezes recomenda a leitura prévia de vários trabalhos sobre o assunto: de Lúcio Costa, "Arquitetura Jesuítica no Brasil", "Notas sobre a Evolução do Mobiliário Luso-Brasileiro", "Documentação Necessária" (publicados na "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", n.ºs 1, 3 e 5). De Sílvio de Vasconcelos: "Vila Rica", "Sistemas Construtivos", "Pinturas Mineiras e Outros Temas" e "Nossa Senhora do Ó"; "Fazendas Mineiras", "Vãos na Arquitetura Tradicional Mineira" e "Manoel da Costa Ataíde", todos de Ivo Porto de Menezes.

Os outros autores recomendados são: Paulo Thedim Barreto ("Casas de Câmara e Cadeira"), Germain Bazin ("L'Architecture Religieuse au Brésil" e "L'Aleijadinho"), Lourival Gomes Machado ("Barroco Mineiro"), Paulo Santos ("Arquitetura Religiosa em Ouro Preto"), Carlos Del Negro ("Escultura Ornamental Barroca do Brasil"), Francisco Antônio Lopes ("Palácios de Vila Rica"), Rodrigo M. F. de Andrade ("Artistas Coloniais") e Afonso Arinos Melo Franco ("Desenvolvimento da Civilização Material"), além da coleção completa de Revistas do IPHAN, os 23 volumes de "Publicações do IPHAN" e o Anuário do Museu da Inconfidência.



## Defesas de teses movimentam FAU USP

A Habitação e o Planejamento Urbano serão os temas das três teses a serem defendidas neste fim de mês, na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. O jornal **Arquiteto** está entrando em contacto com a FAU para publicar, a partir do próximo número, um resumo das teses apresentadas. Já existe uma programação prevista, que se estende até a primeira quinzena de outubro:

Dias 25 e 26 de junho: Habitação — Implicações no Processo de Industrialização, por Siegbert Zanettini; dias 26 e 27 — Considerações sobre Planejamento Urbano a Propósito do Plano de Ação Imediata de Porto Velho, por Joaquim Manuel Guedes So-

brinho; dias 28 e 29 — Habitação — Consumo Produto Projeto, por Eduardo L. Paulo de Almeida.

### Agosto

Primeira semana: Arquitetura e Ensino 1.º e 2.º graus, por Dario Montesano e Arquitetura e Flexibilidade, por Roberto José Goulart Tibau.

Segunda semana: Projeto e Produção — Por uma Aproximação Metodológica, por Abrahão Velvu Sanovicz; Casas Bandeiristas — nascimento e reconhecimento da Arte em São Paulo, por Júlio Roberto Katsinsky.

Terceira semana: O Largo da Concórdia — Estudo de Arquitetura e Urbanização, por Sylvio de Barros Sawaya.

Quarta semana: Planejamento Visual Urbano — O Sistema de Metrô em São Paulo, por João Carlos Cauduro; Codificação e Decodificação Programa de Identidade Visual Villares, por Ludovico Antônio Martino.

### Setembro

Período de 10 a 16 — Sobre o Planejamento Urbano, por Sérgio de Souza Lima.

26 a 30 — Problemas da Arquitetura Contemporânea — O Lazer, por Marlene Yurgel.

### Outubro

8 a 14 — Espaços Urbanos de Uso Múltiplo — Subsídios para Programação e Implantação, por Marcos de Souza Dias.

## Os projetos de Eurico Prado Lopes no IAB/SP

O arquiteto Eurico Prado Lopes está expondo seus principais projetos e obras na sede do IAB de São Paulo. Lá estão o Mercado Distrital de Pinheiros (foto), o edifício para o Centro Político e Administrativo, o projeto da Companhia Americana de Produtos de Aço, instalações para escritório da Villares, Mitsubishi Shoji do Brasil, IBM de Belo Horizonte, Centrais Elétricas de Mato Grosso e Departamento de Estradas de Rodagem de MT.

Mais de uma centena de pessoas compareceram na abertura da exposição, que continua muito visitada, movimentando a sede do IAB.



## Formas de organização profissionais e cadastramentos

O IAB/SP, preocupado com as questões surgidas por ocasião do cadastramento aberto pela Emurb, referente à inscrição de firmas estrangeiras, e a impossibilidade de profissionais autônomos se cadastrarem, devido à forma como essa havia se estabelecido, resolveu através desta Comissão formar um Grupo de Trabalho que estudasse a questão. Em contatos posteriores ao 1.º cadastramento efetivados de um lado pela Emurb e do outro pelo IAB/SP e o Sindicato de Arquitetos do Estado de São Paulo, a Emurb ponderou o problema e solicitou ao IAB que realizasse um trabalho, de como esse cadastramento de profissionais liberais autônomos poderia ser efetivado.

Esse Grupo de Trabalho a ser formado estudará também as possibilidades das novas formas de organização profissional (empresa, autônomo, consórcio, cooperativas, etc.), a fim de que o Instituto possa se manifestar no sentido de orientar seus associados. O Sindicato de Arquitetos do Estado de São Paulo fará um Curso sobre o mesmo assunto.

## Premiação bial do IAB/SP

O IAB/SP está elaborando um trabalho que pretende, a partir de um levantamento das antigas premiações, ter uma visão histórica do que já foi feito, e assim examinar o regula-

mento desta premiação e contribuir de uma forma mais efetiva para que essa premiação sane os erros porventura apresentados no passado. Acredita que assim poderá elaborar uma proposta para garantir a efetividade e a periodicidade destas premiações do IAB, contribuição esta que deverá ser levada para os demais departamentos.

## Comissão de ensino

O IAB/SP decidiu reorganizar sua comissão de ensino, atendendo a uma recomendação do Conselho Superior. Os objetivos e a forma de composição já foram definidos e essas diretrizes estão sendo objeto de contato com as seis faculdades de arquitetura que funcionam em São Paulo.

A comissão de ensino terá como finalidade orientar o Conselho Diretor na política de relacionamento com escolas de arquitetura, tendo em vista a formação profissional do arquiteto, fazer levantamento da situação, propiciar intercâmbio das formulações didáticas entre as escolas e incentivar o encaminhamento de estudantes ao trabalho junto à entidade de classe.

A comissão será composta por um representante do corpo docente de cada uma das seis escolas; o mesmo com relação aos alunos, além de um representante do Sindicato e outro do IAB. A coordenação caberá ao representante do IAB.

O primeiro trabalho dessa comissão foi preparar subsídios para o encontro de escolas de arquitetura a ser

realizado nesta Bial. Alguns temas já foram selecionados para serem discutidos pela comissão. Entre eles, a criação de novas escolas, a atuação da universidade nos problemas das cidades e a formação profissional.

## Exposição de projetos no IAB/SP, um sucesso

Está sendo muito aplaudida a iniciativa do IAB de São Paulo em promover uma exposição permanente de projetos, em sua sede, aberta a todos os associados. A comissão de promoções do IAB (reúne-se todas as quartas-feiras, às 20,30 horas, no 4.º andar do IAB) está organizando o calendário para as próximas exposições, que serão abertas nos dias 25 de junho, 10 e 24 de julho.

Sami Bussab, coordenador da comissão, informa que os expositores, além de painéis (ver regulamento no *Arquiteto* 7), devem providenciar uma semana antes da exposição: fotos das obras na medida 18 x 24, em papel brilhante, dados complementares do projeto ou da obra, dados explicativos do projeto e disponibilidade para eventuais entrevistas. O mesmo material pode ser remetido ao *Arquiteto*. Ambos destinam-se a divulgação.

## Cinema no IAB/SP

A partir do próximo dia 28 os associados do Instituto de Arquitetos e do Clube dos Artistas e Amigos das Artes poderão assistir filmes de

curta metragem sobre arquitetura e de longa metragem em 16 mm, todas as quintas-feiras às 21 horas na sede social do IAB.

Um convênio entre as duas entidades será assinado às 20:30 do dia 28 na sede do Clubinho, sob patrocínio da Fundação Cinemateca Brasileira. Filmes e documentos serão emprestados do acervo da Fundação.

## Arquitetura brasileira na Alemanha

A revista alemã "Architektur & Wohnen", especializada em arquitetura, publica, em seu último número, ampla reportagem sobre a arquitetura brasileira, focalizando obras dos arquitetos Carlos Milan, Paulo Mendes da Rocha, Rodrigo Brotero Lefrèvre e Eduardo Longo, de São Paulo; Paulo Klabin e José Zanine, do Rio de Janeiro. O texto da matéria vem com tradução em espanhol.

## Os arquitetos e o INPS

O Sindicato dos Arquitetos de São Paulo já iniciou os contatos com o INPS visando o atendimento de seus associados. Ainda este mês o Sindicato deverá nomear um de seus funcionários para cuidar dos interesses dos arquitetos junto ao INPS. Dessa forma, os arquitetos podem ter todas as vantagens daquele Instituto, sem ter que entrar na fila. O Sindicato providencia tudo. João Clodomiro de Abreu e Heléne Afanasieff estão cuidando do assunto.

## Artigas: um convite da Síria

O arquiteto Villanova Artigas recebeu um convite do governo da Síria para participar do júri que vai escolher o projeto de construção da biblioteca pública da cidade de Damasco. A indicação de Artigas foi feita pela União Internacional de Arquitetos, e aceita sem restrições pelo ministro dos Trabalhos Públicos e dos Recursos Hidráulicos da Síria, Abdul Kannout, que também é presidente do Comitê de Informações da Biblioteca Pública de Damasco.

## A UIA pede mais participação

Georgui Orlov e Michel Weill, presidente e secretário geral da UIA, esperam uma participação mais efetiva das Seções Nacionais (75 países) para 1973: "As organizações governamentais devem compreender a importância da nossa atividade profissional e social". E sugerem que os arquitetos e estudantes de arquitetura "participem mais largamente da solução dos graves problemas de nossa civilização".

## Arquiteto russo oferece seus artigos

O arquiteto Fábio Penteado recebeu uma carta de Moscou, em que o arquiteto Volodya, depois de pedir o Dicionário de Corona e Lemos ("muito importante para o meu trabalho") e todos os números do **Arquiteto**, oferece todos os seus artigos para publicação no Brasil.

## Vietnam

O secretário geral da UIA enviou uma carta ao presidente da Seção da República Democrática do Vietnam, oferecendo a colaboração de todos os participantes da XII Assembléia e do XI Congresso da UIA para a reconstrução daquele país. O presidente Hoang Nhu Tiep agradeceu, em nome de todos os arquitetos e construtores do seu país, "a solidariedade, simpatia e apoio dedicados ao povo do Vietnam".

## Reino Unido

O presidente do RIBA, Alex Gordon, e o secretário geral da UIA, Michel Weill, durante um encontro em Londres, confirmaram o acordo sobre a utilidade de uma ação universal dos arquitetos junto aos poderes públicos e à opinião pública, por um melhor meio ambiente. Estavam presentes os membros do Overseas Committee, o ex-presidente da UIA, Robert Matthew, e todos os membros dos grupos de trabalho e comissões da Grã-Bretanha.

## Colômbia

A Sociedade Colombiana de Arquitetos publicou, em 1972, um "Anuário de Arquitetura na Colômbia". São



## ANUARIO DE LA ARQUITECTURA EN COLOMBIA 1971 ANUARIO DE



quatrocentas páginas de fotografias, plantas e textos de obras acabadas no país durante 1971. Está sendo preparado outro volume para as obras terminadas em 1972. Informações: Sociedade Colombiana de Arquitetos — Calle 24, n.º 6-65 — Piso 1.º — Bogotá.

## Publicações

A Secretaria Geral está trocando o seu boletim mensal "UIA Informations" por revistas profissionais ou boletins de informações que tratem de arquitetura, urbanismo e desenhos (design).

## ONU

O 4.º Seminário sobre a Indústria da Construção do Edifício da CHBP da CEE será em Londres, de 18 a 20 de outubro de 73.

## Nomeação

O professor Brotda foi nomeado secretário geral da Federação Européia das Associações Nacionais de Engenheiros. Esse posto era ocupado há dez anos pelo coronel Glosenson.

## Escandinávia

O endereço da "Suomem Arkkitehtiliitto-Finlands Arkitektforbund", para quem quiser saber o que a Finlândia pode mostrar em termos de arquitetura: Unionkatu 30 A — 00100 — Helsinki 10.

## África do Sul

O Instituto dos Arquitetos Sul-Africanos de Bee House tem novo endereço: 9th Floor — 73 Juta Street — P.O. Box 31750 — Braamfonteine.

## Hungria

Este é o novo endereço da Magyar Epitomeszek Szovetsege: Dienes Laszlo u.2.-H-1371 — Budapeste.

## Irlanda

Nova diretoria: presidente: Kevin Fox; vices: Padraig Murray e Brian Hogan; secretário: Peter Ferguson; tesoureiro: Turlough Linch.

## Líbano

Nova diretoria: presidente: Khalil Maalouf; vice: Bahaeddine Bissat; secretário: Chawki Farhat; tesoureiro: Antoine Yammine.

## Saúde Pública

De 17 a 22 de junho próximo, vai se realizar o 18.º Congresso da Federação Internacional de Hospitais, com a participação da UIA e da Saúde Pública. Giselda Visconti, representante brasileira no Grupo de Trabalho de Saúde Pública da União Internacional dos Arquitetos, está em Montreal, Canadá, participando do encontro.

## Urbanismo

A Associação Internacional de Urbanismo vai promover um congresso em Zurich, na primeira quinzena de outubro deste ano, sobre o tema "Integração e Segregação das Funções no Urbanismo".

## Energia Solar

O I Congresso Internacional sobre Energia Solar será em Versailles, de 9 a 13 de julho de 1973. Os temas: "O Sol e o Meio Ambiente", "O Sol e a Energia", "O Sol e a Vida". Correspondência para a secretaria da AFEDES: 28. rue de la Source, 75016, Paris.

## Educação

Dia 8 (Versailles) e dias 9 e 14 de julho (Paris), vai se realizar a VII Conferência Internacional da União Internacional de Educação para a Saúde. Tema: "Vinte Anos de Educação para a Saúde: Balanço e Prospecção". O endereço para inscrições e remessa de documentos é: Palais des Congrès — 78 Versailles.

## Design

Será em Tóquio, de 8 a 9 de outubro de 73, a 8.ª Assembléia Geral da International Council of Societies of Industrial Design. Tema: "O Design para o Homem Total". Haverá ainda um congresso em Kyoto, em 12 e 13 de outubro. Informações na ICSID '73 Kyoto Secretariat P.O.Box 200, Trade Center, Tokyo 105.

## Qualidade

O secretário de Estado do Meio Ambiente encarregou sir Robert Matthew e W. P. D. Skillington de realizarem um estudo dos elementos que possam levar a uma melhoria da qualidade arquitetural dos edifícios públicos e à preservação da construção existente.

# construções em pré-moldados de concreto

# RODRIGUES LIMA

## CONSTRUTORA E INDUSTRIAL LTDA.

AVENIDA EUSÉBIO MATOSO N.º 690 — TELEFONES: 286 4025 286 4036 — SÃO PAULO

## As perspectivas do design brasileiro

Quando o Conselho Estadual de Tecnologia entregar, nos próximos dias, ao governo do Estado o projeto de implantação do Centro de Desenho Industrial, será dado mais um passo num caminho há muito seguido pelo Governo Federal: o do incremento das exportações.

O Ministério da Indústria e Comércio — conta o arquiteto Alessandro Ventura — chegou à conclusão que o desenho industrial seria uma das boas formas para melhorar as vendas no exterior. Assim, após o I Seminário de Desenho Industrial para a Exportação no Recife, e alguns contratos preliminares do secretário de Tecnologia do Ministério, Luiz Correa da Silva, com entidades e industriais interessados, foi feita uma reunião em fevereiro, com a participação de 22 representações, entre elas a do próprio Ministério da Indústria, da CACEX, SUDENE, indústrias e profissionais de desenho industrial.

O documento do encontro estabelece algumas premissas: o desenho industrial nacional “é fraco de modo geral, sem apresentar resultados de padrões internacionais” e é preciso dar prioridade ao desenvolvimento desse setor, sem deixar de utilizar o “miolo” dos produtos feitos pela indústria nacional. Resumindo: melhorar o impacto visual e a funcionalidade externa. O documento aponta a seguir algumas soluções. Entre elas:

1. Estudar o mercado externo na área de bens de consumo manufaturados, examinando os produtos importados de cinco ou seis países de significação comercial, analisando sua definição, características locais e culturais, etc.
2. Estudo potencial da nossa indústria, procurando saber da oferta nacional de bens de consumo manufaturados para a exportação.
3. Desenvolvimento de produtos cujo potencial de exportação seja conhecido.
4. Criação de incentivos diretos à indústria.
5. Criação de centros de desenho industrial, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre e “outras localidades onde a implantação de um núcleo de desenho industrial seja necessária e viável. Seu objetivo seria a “conscientização da indústria e comércio, informação e assistência, promoção, estudos especiais, exposições e cursos”.

A ação desse CDI foi considerada “essencial para o desenvolvimento do setor no Brasil”.

Alessandro Ventura acha que a posição expressa no documento da reunião de fevereiro é um pouco “falsa”, pois é necessário primeiro criar uma personalidade própria para o produto no mercado interno. Uma ampla visão do governo faria ver a preocupação de, primeiramente dedicar-se ao mercado interno já que este é tão importante.

Quanto à “fraqueza” do desenho industrial nacional:

“Ele é fraco porque não existe. Pouco são os profissionais envolvi-

dos, já que não há demanda das indústrias para esse serviço. No entanto, o quadro se apresenta promissor, a demanda está aumentando muito. No momento, uma porcentagem muito reduzida dos produtos estão sendo objetos de estudos.”

Falta também oportunidade para nossos profissionais, que são competentes. Não se trata, portanto, de se buscar “know-how” estrangeiro; e sim uma simples questão de maior abertura das empresas nesse setor”. Para ele, a universidade funciona, basicamente, como pesquisa e formação de pessoal. Na equipe que elaborou o projeto de implantação, Alessandro Ventura representou a FAU. Ele reinvidicou uma participação em alto grau da universidade na pesquisa — aproveitando a infraestrutura existente (FEI, IPT com o qual a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP tem convênio, etc.) No campo da formação do profissional, foi pedido, embora não conste do projeto de implantação, a formação em nível de pós-graduação, criando-se cursos multiprofissionais — onde engenheiros, arquitetos, administradores públicos se especializariam em desenho industrial para aplicação em suas áreas.

### Os centros

Dos resultados da reunião de fevereiro, a Secretaria do Planejamento de São Paulo procurou a prática: promoveu a vinda de uma especialista belga — diretora do Design Center de Bruxelas: Josine Des Cressonières. Ao mesmo tempo era criado um grupo de trabalho que funcionou como assessoria, reunindo os vários órgãos interessados, para dar as noções e objetivos das necessidades do Brasil. Durante o mês de abril, a especialista esteve em vários estados, manteve contato com autoridades e elaborou um relatório.

O relatório do grupo, entregue ao Centro Estadual de Tecnologia (órgão da Secretaria de Economia e Planejamento) que delinea etapas para a montagem do Centro estabelece como objetivos: o aperfeiçoamento do produto manufaturado brasileiro, visando melhorar a funcionalidade, eficiência de produção e comercialização, para aumentar o poder de competição e adequação às necessidades do mercado nacional e internacional; centralização e catalogação de informações sobre produtos selecionados de qualidade superior, para orientar o trabalho dos compradores brasileiros e importadores internacionais; desenvolvimento de pesquisas, a fim de estabelecer a necessidade dos consumidores e usuários dos mercados importadores. O projeto de implantação ainda estabelece como objetivos a análise de qualidade dos produtos destinados à exportação e suas embalagens, divulgando o resultado aos interessados, para que o produtor autóctone aumente a aceitação de seu produto no exterior, e a atualização constante das informações sobre a evolução do desenho industrial em todo o mundo.

O Centro terá como órgão decisório um Conselho Deliberativo, uma Diretoria Executiva, uma Junta de Financiamento. Vinculados à Diretoria Executiva estarão dois departamentos: Promoção — para seleção de produtos, montagem de exposição no Brasil e exterior, propaganda em geral — e o de Pesquisa, que determinará os “perfis” dos produtos e que executará trabalhos de pesquisa própria ou encomendada, também para o mercado externo.

Quanto à participação de entidades, nada está ainda definido, mas é certo que as entidades abaixo participem, já que constituíram a equipe que elaborou o projeto de implantação. Do Conselho Deliberativo farão parte: Governo Federal (não se sabe em que nível esta participação); Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Instituto dos Arquitetos do Brasil, ABDI, Instituto de Engenharia, as Escolas Superiores de Desenho, e a COPEME. Esta lista poderá ser ampliada ou, mesmo, reduzida.

### Verbas

O Arquiteto Alessandro Ventura diz que se a dotação de verbas for feita logo — ele espera, basicamente, a participação do governo do Estado — a diretoria poderá assumir dentro de dois meses e já iniciar os trabalhos que, pelos planos, deverão estar concluídos em dezembro de 1974. Para Ventura, os centros “são fundamentais para o desenvolvimento tecnológico em projetos de produtos nacionais”. E, em termos profissionais, representa uma “abertura violenta”. “Os produtos do mercado brasileiro, atualmente, são projetados, em esmagadora maioria, por engenheiros ou simples desenhistas técnicos, sem formação adequada para a função. No Centro, será formado um júri de profissionais de várias áreas, que analisará o produto. No caso da rejeição do produto, que será acompanhada de relatório explicativo, o empresário tomará consciência da necessidade de um desenhista industrial com a formação adequada, o que fatalmente vai ampliar o mercado de trabalho.” “Além dos incentivos do Ministério da Indústria e Comércio para os projetos favorecendo também esta abertura”.

A boa mídia  
começa com o  
bom projeto

Anuncie no ARQUITETO

## Para uma arte urbana

Quero dizê-lo bem simples. Para evitar que uma idéia se perca pelas palavras.

Ou porque já o disse de outras formas que não foram suficientemente claras.

É isto: o fato artístico, a "obra de arte" deve fazer parte natural de nossa vida.

Ou, dizendo de outro modo: nossa vida comum de habitantes de cidades é caracterizada por diversas solicitações — de ordem econômica, de ordem social, de ordem política —; todas elas agem sobre nós, de uma ou outra maneira.

Ao fato estético, entretanto, é negado — menos que isso: não é reconhecido (ao nível do contexto urbano) nenhum valor.

Vai aí nossa proposta: como tantas outras necessidades a serem satisfeitas, as propostas artísticas devem fazer parte de nosso viver diário, devem representar um modo de vida. Uma rua, por exemplo, pode ser não apenas o caminho que nos leva de casa à condução ou ao trabalho: ela pode ser transformada numa proposta que ajude a nos situar no mundo em que vivemos, a nos esclarecer quanto ao papel que nele desempenhamos ou a caracterizar nossos valores pessoais com os da comunidade, ou a nos integrar na sociedade em que vivemos ou a nos pôr contra os valores que nos são oferecidos ou aguçar nosso poder de escolha (tão necessário numa época em que as ofertas são variadas), ou fazer dela rua um local não só de passagem mas também de encontro, ou de lazer ou de desenvolvimento lúdico ou de desenvolvimento estético ou tantas outras coisas.

Arte, enfim, colocada como instrumento de criatividade e de desenvolvimento social.

Nossas cidades grandes têm alto potencial para receber propostas de nível estético e que façam parte do meio ambiente: nas praças, nas ruas, nas vielas, nos logradouros públicos. Achar os modos de expressão condizentes com o progresso econômico e técnico de hoje deverá ser tarefa não só de artistas, mas também de arquitetos, planejadores, sociólogos

e de todos os que se preocupam por meio ambiente mais adequado ao viver humano.

Para que as cidades tenham não só o maior número de vias expressas ou de estruturas em concreto, mas tenham também um ambiente cultural que reflita esse progresso e a preocupação e as necessidades dos que nelas vivem.

Para que as cidades sejam não apenas um meio de sobrevivência econômica mas também um meio de desenvolvimento do total da personalidade.

Nossas cidades são cinzas; nossas ruas não têm nenhuma caracterização; nossos prédios são inexpressivos — são fatos correntes.

O homem das grandes cidades não participa da elaboração de seu meio ambiente (e lembrar que o homem sempre organizou seu espaço por suas próprias mãos e usando recursos que longe estão dos nossos...). A arte pode ter esta função, de levar o homem a participar da elaboração do seu "environment".

Uma arte que tenha relação de participação com os usuários da cidade, que mantenha uma relação de uso: arte feita para uso público e não apenas numa relação de contemplação — que tenha por finalidade aumentar o relacionamento físico e social do homem com a cidade onde vive e um uso maior e melhor para os espaços de uso comum.

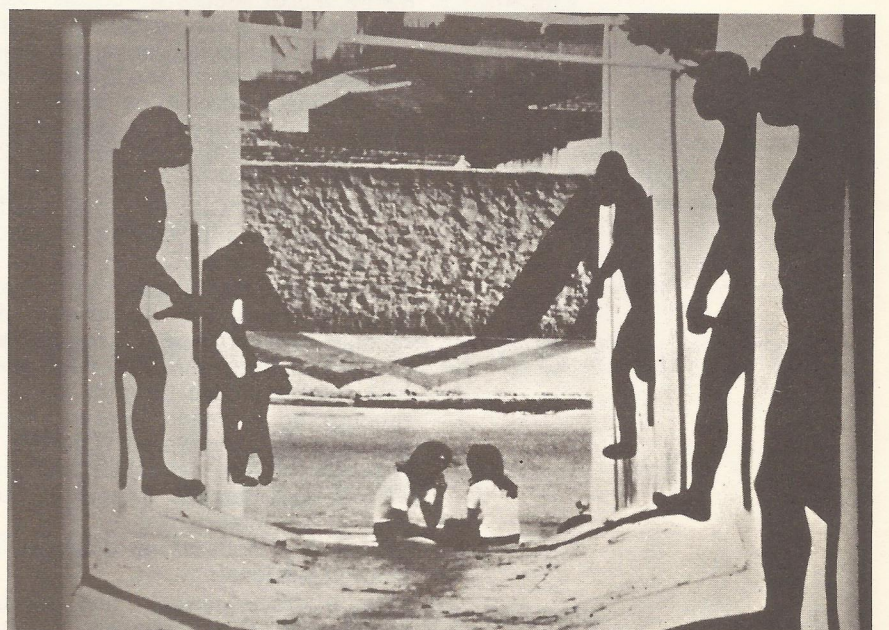
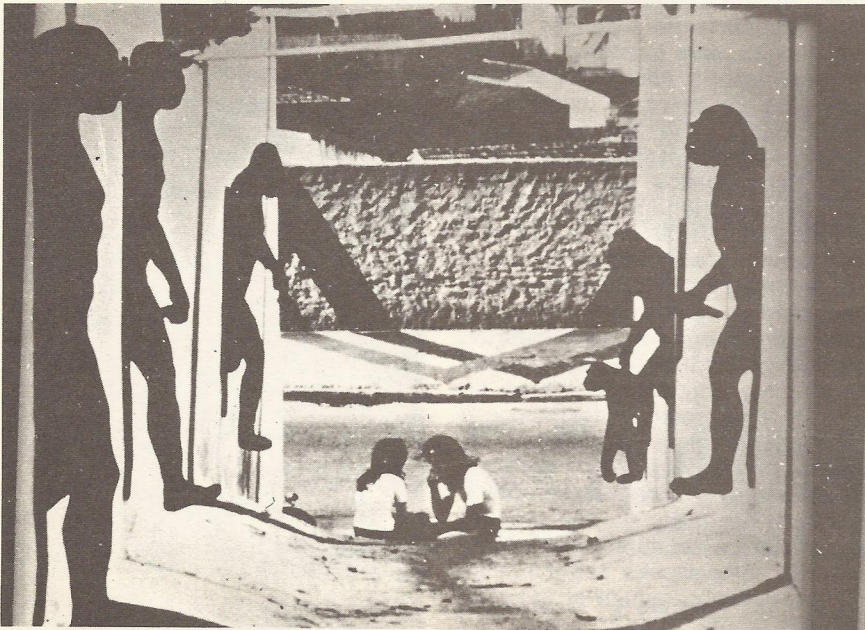
Quantas coisas é possível redescobrir na cidade graças a uma recolocação estética: a beleza de uma árvore ou de um buraco; a sinuosidade de uma curva no caminho ou da riqueza cromática do calçamento; o desenho de uma escadaria ou a velocidade duma correnteza de rio; os relevos riscados num muro ou o ponto de encontro de duas ruas.

Nessa colocação, arte e arquitetura se reencontram: não existe uma sem a outra. Devem ter soluções conjuntas, pois ambas refletem as necessidades, as preocupações, as possibilidades técnicas e o ambiente cultural do homem num determinado momento histórico. Não existe uma sem a outra na procura de soluções e propostas para as necessidades

humanas que são muitas e indissociáveis.

Quantas possibilidades se abrem: fazer de um nome de rua um painel que, indo além da simples indicação do nome, seja de efeito plástico e que caracterize o local; ou dispor elementos lúdicos numa rua para que, além de lugar de passagem, ela seja lugar de lazer e de educação estética para crianças e adultos; ou a utilização de esculturas que façam da cena diária numa de nossas passagens de nível ou de propostas abertas à elaboração do público nas praças ou a colocação de alguns recursos cênicos móveis que pudessem ser dispostos à vontade e de acordo com as interpretações que se quisesse dar no momento; ou a sonorização de uma rua ou de uma praça, na qual sons de Stockhausen ou Kagel fossem contrapostos aos urbanos; ou a iluminação de um espaço público em que, além da iluminação normal e necessária, houvesse variação de intensidade e cor; ou a reformulação pictórica das caixas-d'água elevadas dos prédios; ou a transformação das imensas pipas-reservatórios de água em esculturas que assinalem a importância do líquido e do novo ambiente cultural; ou a utilização dos terraços dos últimos andares dos prédios como salas de exposição, com visibilidade por toda a cidade.

Enfim, muita coisa seria possível. Talvez então o nosso meio ambiente tivesse condições mais humanas de utilização, talvez nossos planejamentos levassem em consideração outros fatores que não os técnico-econômicos, talvez nossa arquitetura tivesse mais preocupações com o espaço urbano no qual ela se situa (o lote e a habitação fazendo parte de um contexto mais amplo), talvez a técnica disponível pudesse abrir caminhos em outros níveis de enfoque, talvez vivêssemos melhor e as grandes cidades deixassem de ser centros de massificação da personalidade, talvez nossos valores não fossem mais os mesmos, talvez a vida fosse outra. Talvez.



# AS AVENTURAS DO DR. ROBERTO

UM ARQUITETO SENSÍVEL

